

Apostila de formação de catequistas

CRISMA



Paróquia Santo Agostinho

PARÓQUIA: SANTO AGOSTINHO - FORMAÇÃO DE CATEQUISTA – PASTORAL CRISMA

Objetivo: Formar novos catequistas de acordo com as diretrizes Arquidiocesana, bem como adaptar os catequistas ao modo de trabalhar na pastoral de nossa paróquia.

Duração: De acordo com o cronograma de caminhada.

Modo de aplicação: A turma de formação será separada das demais turmas, de modo que, ao longo da caminhada, possam participar de alguns encontros, apenas para ganhar experiência.

Atividades extras: É necessário que um catequista de Crisma em formação passe pelos graus menores da catequese de Crisma – sendo catequistas de Pré-Crisma ou Pós-Crisma enquanto estão na formação.

Material de Apoio: Catecismo da Igreja Católica (CIC), Código de Direito Canônico (CDC), Didaquê, Bíblia Sagrada, Filmes diversos, Material extra (Livros, textos, etc.).

O curso é dividido em módulos, com temas devidamente separados, que podem ter seu estudo ampliado com outros materiais e temas:

Módulo I - Ser Catequista

Módulo II - Bíblico – Cristológico

Módulo III - Núcleo Eclesial – Litúrgico

Módulo V - Núcleo Sacramental

MÓDULO I - SER CATEQUISTA

A VOCAÇÃO DE SER CATEQUISTA

ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

FALANDO EM PÚBLICO

METODOLOGIA CATEQUÉTICA

SER LÍDER

MÓDULO II - BÍBLICO – CRISTOLÓGICO

A BÍBLIA

O REINO DE DEUS ANUNCIADO NOS TEMPOS DE HOJE

MESTRE ENSINA-NOS A ORAR

AMAR AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO

MÓDULO III - NÚCLEO ECLESIAL – MARIANO

O QUE É A IGREJA

O QUE É UM SANTO?

IGREJA CATÓLICA, 24 IGREJAS AUTÔNOMAS

MARIA - DOGMAS MARIANOS

MÓDULO V - NÚCLEO LITÚRGICO - SACRAMENTAL

A LITURGIA

OS SACRAMENTOS

“Anunciar o Evangelho não é glória para mim; é uma obrigação que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho! Se o fizesse de minha iniciativa, mereceria recompensa. Se o faço independentemente de minha vontade, é uma missão que me foi imposta. Então em que consiste a minha recompensa? Em que, na pregação do Evangelho, o anuncio gratuitamente, sem usar do direito que esta pregação me confere. Embora livre de sujeição de qualquer pessoa, eu me fiz servo de todos para ganhar o maior número possível. Para os judeus fiz-me judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da lei, fiz-me como se eu estivesse debaixo da lei, embora o não esteja a fim de ganhar aqueles que estão debaixo da lei. Para os que não têm lei, fiz-me como se eu não tivesse lei, ainda que eu não esteja isento da lei de Deus - porquanto estou sob a lei de Cristo -, a fim de ganhar os que não têm lei. Fiz-me fraco com os fracos, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos. E tudo isso faço por causa do Evangelho, para dele me fazer participante.” (I COR 9, 16-23).

MÓDULO I - SER CATEQUISTA - A VOCAÇÃO DE SER CATEQUISTA

Ser catequista

Em primeiro lugar, a catequese não é um trabalho ou uma tarefa externa à pessoa do catequista, mas se “é” catequista e toda a vida gira em torno desta missão. De fato, “ser” catequista é uma vocação de serviço na Igreja, que se recebeu como dom do Senhor para ser transmitido aos demais. Por isso, o catequista deve constantemente regressar àquele primeiro anúncio ou “kerygma”, que é o dom que transformou a própria vida.

Este anúncio deve acompanhar a fé que já está presente na religiosidade do povo.

Com Cristo

O catequista caminha a partir de Cristo e com Ele, não é uma pessoa que parte de suas próprias ideias e gostos, mas se deixa olhar por Ele, porque é este olhar que faz arder o coração.

Quanto mais Jesus toma o centro da nossa vida, mais nos impulsiona a sair de nós mesmos, nos descentraliza e nos faz mais próximos dos outros.

Catequese “mistagógica”

Podemos comparar este dinamismo do amor com os movimentos cardíacos: sístole e diástole, se concentra para se encontrar com o Senhor e imediatamente se abre para pregar Jesus. O exemplo fez do próprio Jesus, que se retirava para rezar ao Pai e logo saía ao encontro das pessoas sedentas de Deus.

Daqui nasce a importância da catequese “mistagógica”, que é o encontro constante com a Palavra e os sacramentos e não algo meramente ocasional.

Ser catequista não é uma profissão nem um passatempo, mas uma vocação que precisa de toda dedicação.

Papa Francisco,

Simpósio Internacional sobre Catequese em Buenos Aires.-julho de 2017

De onde vem o chamado para ser catequista?

Os que seguem Jesus e são batizados formam a Igreja.

É assim o povo de Deus que se reuni e esse povo tem uma missão:

“Ide, pois, ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do pai, do filho e do espírito santo”. (Mt 28,19)

Assim desde o início da Igreja existem os ministérios:

Ordenados – Bispos

Padres (presbíteros)

Diáconos

Bispo: Chefe da Igreja particular ou Diocese. É uma pessoa chave na Igreja, recebe o sacerdócio em plenitude e a ele são dados todos os ministérios.

Padre: Colaborador direto do Bispo na evangelização e na distribuição dos ministérios. Pode ser: Diocesanos e Religiosos. Devem: Pregar o evangelho; presidir a eucaristia; exercer o ministério dos sacramentos a eles confiados; animar, coordenar e orientar a comunidade.

Diácono: do grego (diakonia) – serviço

Podem ser: Permanente – como ministério permanente ou Provisório em preparação para ser Padre.

Não ordenados – (Leigos) – toda a comunidade Igreja, todos aqueles que, recebendo o Batismo, resolvem assumir o seu papel na comunidade. Entre esses, nós, catequistas.

“A Igreja para cumprimento de sua missão, conta com a diversidade de ministérios. Ao lado dos ministérios hierárquicos, a Igreja reconhece o lugar dos ministérios desprovido de ordem sagrada. Portanto, também os leigos podem sentir-se chamados ou ser chamados a colaborar com os seus pastores a comunidade eclesial, para o crescimento e vida da mesma, exercendo ministérios diversos, conforme a graça e os carismas que o senhor aprouver conceder-lhes.” (Puebla 804).

Cristo é o centro da Catequese

No centro da Catequese encontramos essencialmente a pessoa de Jesus de Nazaré, filho do Pai. Que morreu por nós e agora ressuscitado vive conosco para sempre (catecismo IC 426).

Quem é o catequista?

O Catequista é antes de tudo alguém que escuta e atende o chamado de Deus (Mt, 9, 37-38). Ele é um profundo conhecedor da doutrina religiosa, que enviado por Deus, vai despertar e cultivar a fé dos catequizados (catecúmenos).

O Catequista é alguém de muita vocação (Ef, 4,1. 2Ts, 1,11).

Virtudes do catequista:

- Catequista é um mestre de oração

- O Catequista é um mediador, que facilita a comunicação entre Deus e o Homem.
- O Catequista é um intérprete da igreja junto aos catequizandos.
- O Catequista é alguém que catequiza em nome de Deus e da comunidade profética. Em comunhão com os pastores da igreja.
- O Catequista é testemunha ativa do evangelho em nome da igreja.

Missão do catequista

A missão primordial da igreja é anunciar a Deus e testemunhá-la diante do mundo. Anunciar o reino de Deus como o próprio Jesus o fez sendo enviado. Transmitir aos crismandos a viva experiência que ele tem dos evangelhos. Conservar fielmente o evangelho a todos aqueles que decidiram seguir Jesus. O Catequista dedica-se de modo específico ao serviço da palavra tornando-se porta-voz da experiência cristã de toda a comunidade.

A Catequese é um ministério, portanto um serviço.

Catequese é uma prioridade em toda a Igreja, *“A Catequese é uma urgência. Só posso admirar os pastores zelosos que em suas Igrejas procuram responder concretamente a essa urgência, fazendo da Catequese uma prioridade”* (João Paulo II encontro com os Bispos em Fortaleza 10/07/1980).

A Igreja precisa de catequistas, porém, catequistas conscientes com a missão de: **Catequizar, ensinar e evangelizar.**

Características de um bom catequista

- **Espiritualidade profunda** – rezar e testemunhar o cristianismo, não perder nunca a intimidade com Deus.
- **Integração na comunidade** – Participar ativamente de toda a vida da Igreja. O catequista deve exercer o ministério de forma contínua e permanente.
- **Senso crítico** – ler, estudar, e analisar coerentemente os fatos da Igreja do mundo. A alienação é um mal que jamais deve tomar o catequista.
- **Animação** – saber ouvir e dialogar, buscar não mostrar dúvidas e insegurança, animar de tal forma o encontro de Crisma, que leve o crismando a um conhecimento gostoso da doutrina da Igreja.
- **Qualidades humanas** – didática, psicológicas, equilíbrio, carinho.
- **Formação doutrinária** – buscar conhecer a doutrina católica, estudar sobre seus diversos aspectos, através de leituras, cursos etc.

Ser catequista não é ser professor.

Aulas são dadas na escola. Os encontros de Crisma têm a preocupação de anunciar Jesus e levar o crismando a uma aproximação maior com a Igreja.

Por ser considerado pelos crismandos como modelo, o catequista deve dar testemunho daquilo que prega, de viver o que anuncia. O essencial a um bom catequista é o **AMOR**, daí emana:

- **Compreensão**
- **Carinho**
- **Dedicação**
- **Atenção**
- **Preparação**

- Serviço

MÓDULO I - SER CATEQUISTA - ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

A espiritualidade cristã é a fé recebida que passa a ser exercida na prática pessoal. Esse é o ponto central que faz a fé cristã ser uma fé viva.

A vida espiritual, isto é, a vida conforme o Espírito de Deus é algo multifacetado. O grande desafio é deixar-nos imbuir de seus contornos vivificantes e descobrir-nos dentro de suas diversas formas. Os cinco seguintes aspectos são os principais pontos que definem a espiritualidade cristã:

- A relação pessoal e dialógica com Deus (ou seja, Deus é pessoa com quem devemos nutrir uma profunda amizade);
- Seu caráter integral (essa relação de amizade deve ser patente em todos os aspectos de nossas vidas: nas relações interpessoais, na família, no trabalho, etc.);
- Seu caráter processual (nenhuma amizade surge e se consolida da noite para o dia. Trata-se de um longo processo);
- Sua referência ao mundo (devemos ser ativos tanto na manutenção e defesa da criação como no anúncio e implantação do Reino);
- Sua intrínseca ligação à Igreja (a amizade com Deus não deve ser algo fechado em si mesmo, mas deve se efetivar com a comunidade, pela comunidade e na comunidade dos fiéis).

Se esses pontos são fundamentais para a caracterização da espiritualidade cristã, isso não quer dizer, todavia, que eles são encontrados somente no cristianismo e que os cristãos devem reclamá-los exclusivamente para si. Eles possuem, entretanto, um significado típico e essencial para a caracterização da espiritualidade cristã, servindo, por conseguinte, de critério. Para saber, portanto, quão próximos ou distantes estão outros caminhos espirituais (como o sufismo, o zen-budismo ou a

antroposofia) da espiritualidade cristã, devem-se analisar tais caminhos e medir o quanto eles se aproximam ou se distanciam desses cinco pontos supracitados. Em outras palavras, os elementos de outros caminhos espirituais (como a yoga ou a zen-meditação) se integram melhor no caminho caracteristicamente cristão na medida em que sejam mais compatíveis e próximos dos princípios da espiritualidade tipicamente cristã.

Por outro lado, voltando-se para as diferentes formas de espiritualidade dentro do próprio cristianismo, pode-se sempre verificar se uma determinada prática se harmoniza com todos esses cinco critérios e assim com o essencial da espiritualidade cristã. Um determinado caminho que, em geral, negligencia um ou outro ponto tem, no mínimo, a necessidade de uma complementação. Isso não impede, entretanto, que em nosso caminho pessoal, durante certo tempo, um determinado ponto seja mais presente enquanto outros, ao mesmo tempo, sejam considerados menos importantes. De maneira mais geral, uma comunidade ou movimento espiritual pode, sem dúvida nenhuma, focar um determinado ponto, desde que a abertura para o todo sempre esteja presente.

Baseado nisso, sempre é válido, de tempos em tempos, analisarmos nosso próprio caminho a partir dos critérios acima apresentados, para sabermos se nossas ações estão realmente de acordo com a fé e a espiritualidade cristã.

A espiritualidade cristã

Sempre temos dificuldade diante das palavras espírito, espiritualidade, vida espiritual. E as poucas noções que temos delas não nos proporcionam a clareza necessária à construção de uma vida cristã sólida. Por isso temos que retomar sempre esses temas para melhorar nossa compreensão, de tal maneira que possamos agarrá-la e, a partir daí, começar a moldar melhor nossa vida.

Nossa dificuldade começa com a palavra espírito que na modernidade recebe diversos sentidos.

Segundo o conhecimento filosófico, o ser humano tem duas maneiras de conhecer: os sentidos, pelos quais captamos o mundo sensível, e o intelecto, pelo qual

captamos o mundo inteligível ou suprasensível. A partir disso, entendemos as palavras espírito e espiritual como sendo os entes não materiais, os valores e as coisas culturais e os valores ético-humanistas. Com o tempo, na nossa cultura ocidental, a compreensão filosófica da palavra espírito e a compreensão da fé se misturaram, pelo que espiritual passou a significar valores ético-humanistas. Isso faz pensar que por espiritual o cristianismo entenda a busca desses valores. Essa busca, porém, é própria de todas as religiões.

Essa mistura da experiência filosófica e da experiência cristã leva a distorções que nos dificultam o viver espiritual. Por exemplo: distinguimos o "fazer coisas materiais" e o "fazer coisas espirituais". A partir dessa distinção, um mecânico que conserta carros, busca ampliar sua oficina, ele faz coisas materiais, é materialista, não entende de coisas espirituais.

Já um professor de literatura, que leciona na faculdade, lê bastante, participa de congressos, este faz coisas espirituais, é espiritualista e entende de coisas espirituais.

Partindo dessa concepção, pessoas como mães de família, operários, lavradores não teriam vida espiritual. O analfabeto também não poderia ter acesso a ela.

Se quisermos entender o que é espírito, espiritualidade, vida espiritual, devemos deixar de lado esse modo de pensar. Surge a pergunta: mas então, quando falamos de espiritualidade cristã, o que entendemos por espírito?

A tradição cultural do Ocidente entende por espírito o modo de existir próprio do ser humano, modo que o distingue dos outros níveis de ser, tais como o vegetal e o animal. Espírito não é, portanto, algo oposto ao corpo.

Espírito é o modo de existir que tem como apanágio deixar-se atingir e abrir-se à dimensão originária que chamamos de Deus-mistério. Mas o Deus-mistério não é o que está além do nosso alcance, não é o estranho longínquo, o misterioso, o enigmático, o abstrato.

Ele é, pelo contrário, o aquém, isto é, a intimidade mais íntima da interioridade de nós mesmos. As palavras deus, transcendência, ser, psique são definições pelas quais a teologia, a filosofia, a psicologia tentam dizer algo acerca do Deus-mistério.

Assim ser espírito é a experiência maior do ser humano, experiência que constitui sua identidade. Esta experiência busca compreender-se, organizar-se, tematizar - se.

Dessa elaboração surge o que chamamos de espiritualidade que não é outra coisa do que o cuidado, a cura, o amor disso que somos espírito. Espiritualidade não é disciplina de ensino, não é ciência do saber. Ela é, porém, verdadeiro saber, saber comprovado por evidências vitais; por isso a espiritualidade é uma verdadeira ciência, numa compreensão da palavra ciência diferente da usual e comum, própria do nosso sistema de ciências físicas, matemáticas, biológicas e humanas.

Se o espírito é a experiência mais radical, então a espiritualidade exige radical conversão do nosso modo de ser. Essa conversão no Ocidente recebeu o nome de mística, entendida não como atividade privilegiada de alguns contemplativos, nem como vivência sentimental da alma piedosa, mas como busca radical do Deus-mistério.

Por ser radical, ela exige o total engajamento da nossa liberdade. A essência da mística cristã é, pois, esse engajamento de busca do Deus-mistério.

A crise da sociedade atual provém do total esquecimento do espírito. Esquecimento que relegou a espiritualidade e a mística a um plano secundário.

É preciso resgatar o sentido profundo da mística, não como uma atividade piedosa do homem, mas como um empenho vital que se concretiza na realidade do dia-a-dia. O pensamento, a arte, a ciência, até o esporte, quando atingidos pela seriedade radical da mística, abrem-se em diferentes vias à acolhida incondicional do Deus-mistério, lá onde se acha o manancial do espírito, a espiritualidade.

O Deus-mistério, porém, ultrapassa nossas duas possibilidades de conhecimento, os sentidos e o intelecto. Ele é inacessível a partir de nós mesmos. Mas Deus se revelou no Evangelho (a boa nova!) de Jesus Cristo, em suas belas e sábias palavras e em nas atitudes que comprometiam seu próprio viver.

Assim, tudo de espiritual que é aprendido no âmbito da fé não vem de nossas experiências intelectuais, mas da dimensão de Deus. A esse mundo inacessível a

tradição eclesial ocidental chamou de sobrenatural, diferenciando-o do natural (mundo sensível e inteligível).

Portanto, na experiência cristã, as palavras espiritual, espiritualidade têm o sentido, pura e simplesmente, de empenho de dinamizar o espírito, a existência que somos a partir e iluminados pelo discipulado (aprendizagem) do seguimento de Jesus Cristo, feito a dinâmica maior de nossa vida. Por isso, para nós cristãos, a verdadeira espiritualidade é o seguimento radical de Jesus Cristo.

MÓDULO I - SER CATEQUISTA – FALANDO EM PÚBLICO

As pessoas que sentem medo de falar em público, a grande maioria não está relacionado com situações em que se tem de falar perante multidões. Pelo contrário, muitas pessoas ficam temerosas em situações menores do dia-a-dia. Sentem receio a falar frente a frente, num pequeno grupo de pessoas.

O SEU CORPO E A ANSIEDADE

Dado que as pessoas que sofrem de medo de falar em público ficam usualmente muito preocupadas com o que está acontecendo no seu corpo, é importante a prática de estratégias para diminuir os sintomas físicos. O primeiro passo é parar de temer as reações físicas, pois esse medo aumenta ainda mais a intensidade dos sintomas. Observe essas sensações sem se exaltar, aceite os sintomas e aguarde a onda de ansiedade. Para que possa conseguir fazer isso é preciso lembrar-se que embora o sintomas sejam desagradáveis, eles não lhe podem causar dano nenhum, não irão prejudicá-lo. Depois de um pico de intensidade máxima dos seus sintomas, eles têm inevitavelmente de reduzir.

A RESPIRAÇÃO

A respiração é outro fator importante a ter em consideração. Muitas pessoas nas situações agudas prendem a respiração ou respiram muito rápido, de forma irregular e superficial. Essas sensações criam uma reação de emergência no corpo. Aprender algumas técnicas respiratórias de forma controlada e voluntária é um recurso importante para a diminuição dos sintomas físicos desagradáveis.

EXEMPLO PRÁTICO:

“ Respire, inspire e expire enquanto pensa em algumas imagens ou pensamentos que induzam uma palavra como, “estou calmo” ou “relaxa”, ou “ok descontraí”. Expire lentamente e expire totalmente. À medida que inspira pense na palavra escolhida, e quando expira tente livrar-se da tensão, stress ou medo.

A técnica de respiração agregada às sensações de relaxamento minimizam a tensão no seu corpo. Quando estamos com medo, os nossos músculos ficam mais contraídos e tensos, porque estamos em guarda, ficamos prontos na iminência que algo aconteça. Quando você está tenso, o seu corpo pressente o perigo. Quanto mais consciente tiver desse estado, mais facilmente e de forma deliberada irá conseguir relaxar a tensão no corpo, ao descontrair o corpo, mais ele dá a mensagem para si mesmo que já não existe necessidade de proteger-se contra o perigo inicial.

A EXPRESSÃO CORPORAL

A sua postura e expressões faciais jogam um papel importante na expressão do seu medo. Quando uma pessoa está relaxada e confiante, os seus ombros estão abertos, a sua postura é ereta e esboça-se um sorriso suave. Mas, quando você está com medo, a sua postura é mais fechada, todo o corpo colapsa, você quer ser invisível. O seu rosto expressa tensão, sobrolho franzido, testa enrugada, maxilares fechados. Em vez disso, consciente e deliberadamente adote uma postura confiante e relaxada, enviando mensagens para o seu corpo de que tudo irá correr bem e que está capaz de lidar com o desafio entre mãos. Desta forma você aciona a parte

mais primitiva do seu cérebro, enviando a mensagem para si mesmo: “não há perigo aqui”.

O MEDO

O medo, na grande maioria das vezes distorce a realidade. Se for um medo construído nas suas inseguranças, você vai acreditar que aquilo que está sentindo não o deixa realizar o que pretende e pode conduzi-lo a pensamentos do tipo *“se eu perder a noção do que estou dizendo, eu vou parecer um idiota e perder a credibilidade e o respeito de todos.”* Na realidade, embora seja desagradável perder a sua linha de pensamento, “não é uma catástrofe” e a probabilidade de perder a sua credibilidade e respeito pode revelar-se muito baixa. Mesmo que possa temporariamente esquecer algo, as pessoas nem sempre são castradoras, com calma e foco é possível recuperar de novo a linha de raciocínio. Na pior das hipóteses, mesmo que perante esse pequeno incidente algumas pessoas possam julgá-lo, você teve a oportunidade de fazer o que tinha de ser feito, seguir em frente e comprovar que mesmo com algum sentimento de medo e um ou outro pequeno percalço é possível cumprir aquilo a que se propôs.

PODER DE FOCO

Concentre-se em coisas que façam parte do processo de interação ou de exposição física e verbal. O seu foco depende de si. Foque-se em alguns dos seus pontos fortes, faça com que eles se expandam. Visualize-se numa situação difícil e como os seus pontos fortes o ajudariam a ultrapassar essa dificuldade. Posteriormente construa um cenário de sucesso e o que seria necessário fazer para que você fosse bem sucedido. Simule mentalmente o seu desempenho. Simule e visualize-se a ultrapassar os seus receios e lembre-se daquilo que usou para o ajudar. Essa será a sua estratégia de eficácia e segurança.

O SEU ESPÍRITO

Espírito significa a relação que você estabelece consigo mesmo, como os outros e com o mundo, e não ser-se religioso. Isto numa perspectiva psicológica. O nosso medo está relacionado com as preocupações do ego, expressando autofoco e proteção a nós mesmos. Se pretendemos dar uma boa impressão de nós mesmos e preocuparmo-nos com o que os outros irão pensar acerca de nós, poderá inflamar o medo. Como a forma de nos relacionarmos passa pelo contato com os outros através da nossa linguagem verbal e não verbal, cada vez que temos de interagir e falar com outros, é quase como se a nossa autoestima estivesse na linha de fogo. Se o nosso espírito, ou estado mental for receoso, então o que descrevi anteriormente faz sentido. O nosso espírito será tomado pelo medo, e a nossa autoestima passa a estar na linha da frente da batalha que pretendemos enfrentar. E o resultado, como podemos imaginar, é levar uns tiros nos próprios pés.

Uma ótima maneira de elevar o seu espírito é conectar-se às pessoas e ao seu propósito. Isto porque quando estamos com medo, tudo gira em torno de nós, e como os acontecimentos nos irão afetar, fazendo-nos esquecer do verdadeiro propósito de querer efetuar o nosso objetivo. Lembre-se que na interação com os outros, você está lá para compartilhar informações, e não para colocar o seu ego à prova. Em vez de resistir e afastar-se dessas situações, desenvolva um espírito aberto. Além disso, quanto mais você humanizar as pessoas, menos medo terá delas. Por vezes, o seu medo é igual ao medo dos outros. Eles são tão humanos quanto você.

MÓDULO I - SER CATEQUISTA – METODOLOGIA CATEQUÉTICA.

COMO FAZER UM ENCONTRO COM OS CRISMANDOS

Ao prepararmos o Encontro de Crisma, devemos nos preocupar com o crismando: sua vida, suas expectativas.

LOCAL DO ENCONTRO

- Deverá estar em ordem, limpo e agradável. Os catequistas podem convidar os crismandos para ajudar na arrumação.
- A Bíblia deve ocupar lugar de destaque no local do encontro.
- Os crismandos deverão sentar-se em círculo, para que todos possam ver todos. Essa é uma maneira de discernir sobre sala de aula e sala de encontro de Crisma.

ACOLHIMENTO

- Para acolher bem os crismandos, o catequista deverá chegar um tempo antes do horário de início do encontro para receber a todos com igual atenção, sem demonstrar preferências.
- Ter um momento de diálogo com os crismandos, questionando-os sobre o que fizeram durante a semana, como estão se sentindo, o que desejam receber na Crisma. Não deve ser um relatório mais sim uma conversa espontânea.
- O ponto de vista do crismando deve ser respeitado e sua opinião ser ouvida com bastante atenção.
- O catequista deve dizer sempre a verdade. Se não souber responder a alguma pergunta, deverá se comprometer em procurar a resposta e trazer no próximo encontro.
- Não chamar a atenção dos crismandos na frente de outras pessoas.
- Se o crismando tiver algum problema, o catequista deve procurar ser amigo dele para ajudá-lo a superar suas dificuldades.
- Criar dinâmicas de acolhimento e no decorrer do encontro, que deixem os participantes a vontade.

LINGUAGEM

- A linguagem deve ser clara, coerente e simples:
- Nunca falar em tom infantil, mas naturalmente, com firmeza e simplicidade;
- Ter atenção com determinadas palavras que costumamos usar: Crisma não é um curso, nem escola. Em vez de “aula” falar “encontro”. Não fazer “provas” nem dar “notas” nem castigos. Que o relacionamento não seja de “professor” e “aluno”.
- Essas coisas existem na escola, mas não na Crisma, que é o encontro do crismando com Jesus Cristo e com a comunidade.
- Evitar levar cadernos para a sala, mais do que anotação, a catequese precisa ser vivida, por isso a importância de sempre promover o debate, o raciocínio, a leitura bíblica e a perfeita sintonia com todos estes pontos sobre o tema.

MÓDULO I - SER CATEQUISTA – SER LÍDER

Sete características do líder

Todos nós somos líderes. Bom ou ruim somos líderes. Vou falar das sete características de um líder. Pode ser líder na família, na Igreja, no país, mas ele tem sete características muito importantes.

A característica principal de um líder é a visão.

Ele sabe olhar, olha e descobre coisas novas, caminhos novos porque tem visão. Um líder se identifica pela sua visão. O líder que tem visão olha além dos outros, é capaz de descobrir aquilo que os outros não descobrem. Ele tem como um telescópio para olhar longe aquilo que os outros não podem olhar. Enquanto muitos caminham

com os olhos no chão, ele olha para o céu para descobrir novas estrelas. Ele sabe olhar o final do caminho, não fica parado para ver o que acontece. Sabe aproveitar tudo, também nos erros, e aprende com eles.

Quero falar de um líder que se chamava Saul, diz a Escritura que a estatura de Saul era maior que os demais, ele era capaz de olhar aquilo que os outros não olhavam. Os líderes são capazes de olhar aquilo que os outros não podem. Primeira característica do líder é olhar além.

Segunda característica de um líder: líder não olha para trás, olha para frente.

O líder é aquele que diz: “olha para frente”. O marinheiro quando deixa o mar não olha para trás, mas para frente. Não olha para o passado, mas para o futuro e sabe ver adiante. Se você caminha olhando para trás, você vai ter torcicolo. O grito do líder é sempre: “bola para frente”. Tem um otimismo para ver para frente.

Paulo de Tarso era um líder que sempre dizia: “bola para frente”. Não é a pessoa que te escraviza você mesmo é quem se escraviza quando vive no passado e não vive o presente e nem vê o futuro.

Segunda característica do líder é aquele que sempre diz “bola para frente”. Diga isso para seus filhos, dê coragem para eles.

Terceira característica do líder: o líder dá boas notícias, é aquele que descobre e grita: “terra a vista”.

O líder não anuncia coisas ruins, anuncia boas novas. Terceira característica do líder anuncia boas novas. Por que temos essa visão negativa de estar sempre dizendo coisas ruins? O líder acredita na visão e compartilha com os outros

Quarta característica do líder: o líder partilha sua visão com outros, contagia os outros com sua visão, acredita na sua visão, naquilo que ele pode sonhar..

A visão não é para você, mas para compartilhar com os outros. O líder acredita na visão e compartilha com os outros, não esconde a luz debaixo da mesa, compartilha a luz para que outros tenham a mesma visão. Esse é um passo importantíssimo, o líder faz os outros olhar de perto aquilo que ele olhou de longe.

Quinta característica do líder: o líder define um objetivo.

O objetivo deve ser um, se você tem dois objetivos, começa a se dividir. Os loucos são aqueles que têm muitos objetivos na vida. O líder é aquele que é capaz de definir um objetivo. Paulo de Tarso era um líder fantástico, pois definiu um único objetivo, evangelizar. Paulo tinha muito claro o objetivo de sua vida. Você tem claro um objetivo na sua vida? Fomos criados para sermos felizes, esse é o objetivo da vida cristã, ser feliz neste mundo e no outro. Se eu tenho claro esse objetivo eu não vou fazer nada para perder essa felicidade. Você é feliz fazendo feliz o outro.

Sexta característica do líder: o líder contagia, é aquele que tem fonte de energia positiva para os outros, ele dá coragem.

O líder sempre diz que é possível, ele dá coragem aos outros para caminhar por caminhos virgens, nas fronteiras. Você dá coragem para seus filhos fazer coisas novas? Ele não tira a coragem dos outros, ele dá coragem. Você dá coragem ou tira coragem dos outros?

Sétima característica do líder: o líder faz aterrissagem.

Não basta navegar é preciso saber atracar. Um líder é aquele que sabe fazer a estratégia para conseguir o objetivo, não basta ter um sonho, é necessário também

fazer aterrissagem. Não basta dizer lá está o objetivo, mas um plano para alcançar esse objetivo.

Concluindo, líder é aquele que tem visão. Sabe olhar à esquerda e à direita, descobre aquilo que os outros não veem, ele olha além. Anuncia boas notícias. Partilha sua missão com os outros, define objetivos, ele contagia e sabe aterrissar.

"Quero ser Senhor um bom líder para meus filhos, dando coragem para eles, quero ser um bom líder em minha família, seguindo a Jesus meu único líder".

MÓDULO II - BÍBLICO – CRISTOLÓGICO

A BÍBLIA

Um pouco da história da Bíblia

A Bíblia começa a ser comentada por volta de 2 mil anos antes de Cristo, quando Abrão (lembra dele? - **Gn 12,1-9**) começa sua peregrinação pela terra, até então, o conhecimento a cerca das coisas de Deus era passado de pai para filho, como ensinamento. Eis aí um motivo para que as pessoas vivessem tanto tempo (Abraão mesmo viveu 175 anos - **Gn 25,1s**).

Dele, damos um grande salto no tempo, mais ou menos 600 anos após Deus ter falado a primeira vez com Abrão, já no tempo de Moisés (**Ex 1s**), a Bíblia começa a ser planejada, gestada exatamente quando Deus aparece a ele e o impõe a missão de libertar os hebreus do Egito, por volta de 1.200 anos AC. Daí em diante, por cerca de 750 anos, a única coisa que havia sido escrita eram as Tábuas Decálogo ou dos Dez mandamentos (**EX 20; 34**), todo o resto era passado em forma de tradição, ou seja, era contado de geração em geração.

Somente por volta do ano 450 AC, com o exílio na Babilônia, o povo Hebreu passou então a escrever os relatos que eram passados, escreviam em papiros, pele de animais, e outras fontes de escrita. Aí vem a importância da tradição, que foi mantida por mais de mil anos até que fosse escrita.

Os autores

A Bíblia é o único livro que possui centenas de autores, muitos deram seus nomes aos títulos dos livros, ou foram usados como referências.

Antigo e Novo Testamento

Bíblia Judaica

A Bíblia possui duas grandes divisões, a Bíblia Cristã e a Judaica, a judaica se encerra junto com o fim do antigo Testamento, já que para os judeus, ali termina todos os relatos importantes para o seu povo.

Em toda sua concepção não se sabe ao certo quais livros vieram primeiros, embora os acontecimentos estejam datados corretamente, se subdivide em temas principais, como:

- **Pentateuco:** livro da lei, formada pelos 5 primeiros livros da Bíblia, todas as outras leis do povo judaico, saíram desses livros. Exemplo o Êxodo.
- **Livros Históricos:** são livros voltados para contar a história do povo hebreu, são neles que encontraremos narrações de batalhas, vitórias, quedas, conquistas, a história dos maiores reis e assim por diante. Exemplo o Livros dos Reis que conta a história dos reis Davi e Salomão.
- **Livros Sapienciais ou de Sabedoria:** são livros voltados para a reflexão e a oração, sempre usados até os nossos dias em celebrações. Exemplo, o livro dos Salmos e os Provérbios do Rei Salomão.
- **Livros Proféticos:** esses livros contam a história dos homens que tinham a missão de guardar o pacto entre Deus e os homens, eles que anunciam a salvação, denunciam as injustiças e cobram mudanças, dentro desses livros, podemos dividir

ainda em profetas maiores. Exemplos: Isaías e Daniel. E profetas menores. Exemplos: Oséias e Jonas.

Bíblia Cristã

A Bíblia Cristã, além do Antigo, possui também o chamado Novo Testamento, antes de falar do Novo Testamento, é preciso falar de algo extremamente importante.

A Bíblia Cristã se difere e acordo com as correntes religiosas, então existem ainda a Bíblia Católica e a Bíblia Protestante.

- Se são cristãos, por que se diferem?

Voltemos no tempo, em plena Diáspora, quando parte dos judeus estavam dispersos pelo mundo, alguns judeus viviam no Egito onde se falava a língua grega, houve então a ideia de traduzir a Bíblia para o grego, para assim as gerações futuras, que começavam a perder a origem de sua língua poderiam guardar também os ensinamentos sagrados. Quando essa tradução foi então descoberta, já próxima a época de Cristo, percebe-se que mais 7 livros foram acrescentados, livros que em sua concepção, seguem a mesma linha de ensinamentos das outras escrituras e receberam o nome de deuterocanônicos.

Os livros deuterocanônicos foram escritos entre Malaquias e Marcos, ou seja, numa época em que segundo o historiador judeu Flávio Josefo, cessara por completo a revelação divina. Entretanto segundo os Evangelhos a revelação do AT durou até João Batista (cf. Mt 11,12-13 e Lc 16,16).

Os textos deuterocanônicos chegaram até nós apenas em grego (alguns escritos originalmente nessa língua, outros traduzidos numa versão hebraica, que se

perdeu), fazendo parte da chamada Bíblia dos Setenta, ou Septuaginta, a tradução da Bíblia em grego, feita por volta do séc. III a.C, para uso dos judeus da Diáspora, e adaptada pelos cristãos desde o início como seu texto bíblico de referência. Tais textos não se encontram, pois, na Bíblia Hebraica ou Tanakh.

Os judeus que viviam em Jerusalém, em um sinal de patriotismo, usando como desculpa de que só que sai de lá poderia ser obra de Deus, recusaram-se a aceitar esses livros.

A Igreja Católica, quando escreveu então a Bíblia para os Cristãos, aceitou esses livros, como sendo também inspirados pelo Espírito Santo, deixando de lado a divergência dos patriotas, usando então as Sagradas escrituras que estavam escritas em Hebraico, em grego, e ainda usando os novos relatos, o Novo Testamento, que contava a história de Jesus e recomendações para povo cristão.

A dúvida levantada pelo sínodo de Jâmnia, alguns cristãos passaram a questionar a inspiração divina dos livros deuterocanônicos. Os Concílios regionais de Hipona (393), Cartago III (397) e IV (419), e Trulos (692), bem como os Concílios Ecumênicos de Florença (1442), Trento (1546) e Vaticano I (1870), confirmaram a validade dos deuterocanônicos do Antigo Testamento, baseando-se na autoridade dos Apóstolos e da Sagrada Tradição.

A primeira tradução da Nossa Bíblia foi a chamada Vulgata, feita por são Jerônimo, por volta do ano 400 DC, e assim foi até por volta do ano de 1500/1600, com a Reforma protestante, Lutero e seus seguidores decidiram basear sua Bíblia como a judaica. Ele então resolveu tirar esse sete livros. Mas não acrescentou nenhum.

Todos os livros são do Antigo Testamento, são eles:

- Tobias
- Judite
- Sabedoria
- Eclesiástico
- Macabeus I

- Macabeus II

- Baruc

- Existem livros deuterocanônicos do Novo Testamento?

É importante dizer que também no Novo Testamento existem livros deuterocanônicos. São eles Tiago, Hebreus, Apocalipse, 2 Pedro e 2 e 3 João. Assim como os livros deuterocanônicos do AT, estes também tiveram sua canonicidade contestada por muitos séculos.

Lutero chegou até mesmo não considerar canônicos Hebreus, Tiago, Judas e Apocalipse, que na sua tradução da Bíblia para o Alemão deixou-os num apêndice sem numeração de páginas. Depois os demais reformadores decidiram que estes livros deveriam voltar à Bíblia, pela larga utilização nas comunidades cristãs, mas não fizeram o mesmo com os deuterocanônicos do AT.

Então esse é o motivo dessa divergência de Bíblias, a Católica possui 73 livros, 46 no AT e 27 NT, enquanto que a protestante possui 66 +27.

O Novo Testamento

Se a Bíblia Cristã se difere muito no Antigo Testamento, não há nenhuma divergência no Novo Testamento, e somente os Cristãos possuem essa nova parte da Bíblia, que vem contar a história de Jesus Cristo e de como as escrituras do Antigo Testamento se cumprem, além de cartas de recomendações. Apesar da forma em que está escrito, Não significa que a NT foi escrito nessa ordem. A primeira referencia do Novo Testamento que foi escrito são as cartas de São Paulo aos Tessalonicenses, por volta do ano 50 DC, os outros, não possuem uma data específica sobre sua origem, havendo certas divergências.

Evangelhos

Evangelho significa Boa Nova, constituem a 1ª parte do NT. Narram a vida de Jesus Cristo, principal pilar do Cristianismo, não reconhecidos pelos judeus que não acreditam na pessoa de Jesus.

Por contarem a vida de Jesus, são colocados em primeiro lugar no NT, são 4 Evangelhos, que contam a mesma história, mas cada um com sua riqueza particular de fatos e de detalhes mostram a missa de Jesus, por isso os três primeiros são chamados de Evangelhos sinóticos, por serem idênticos Mt, Mc e Lc, já que um possui praticamente a mesma matéria do outro, repetindo até palavras. Mas é importante colocar suas particularidades, embora Mt e Lc possuíssem elementos de Marcos, contem elementos não citados nesse.

O primeiro Evangelho a ser escrito foi o de Marcos, Mateus veio em seguida, depois Lucas, que escreveu ainda os Atos dos Apóstolos. João foi o último de todos

- Quantos apóstolos escreveram os Evangelhos?

Embora existam 4 Evangelhos na Bíblia, somente 2 apóstolos relataram sua vivência com Jesus.

Na ordem, eles foram escritos assim, e esses são seus autores:

- **Mateus:** Chamado antes de Levi, o cobrador de impostos, Mateus é um dos apóstolos que convivem desde o começo com Jesus, usando como base, referencia do Evangelho de Marcos. A ideia de Mateus é levar a Boa Nova aos Judeus da Palestina
- **Marcos:** escrito por João Marcos, que era primo de Barnabé, discípulo de Pedro e companheiro de viagens de Paulo. Baseia-se nos ensinamento de Pedro em Roma e trás uma enorme riqueza de detalhes. Dirigido aos pagãos, mostrando Jesus como redentor.

- **Lucas:** outro companheiro de Paulo escreveu ainda os Atos dos Apóstolos, que é considerado a continuação desse Evangelho, mas não recebe este nome, por não contar a vida de Jesus. De todos os Evangelhos, Lucas é o mais científico, embora não tenha convivido com Jesus, ele era médico e antes de escrevê-lo, usou de seu vasto conhecimento e estudos para colocar a melhor narração possível, baseando-se nos dois primeiros, ele se destina aos pagãos, mostrando a riqueza de detalhes que foi a Vida de Cristo.
- **João:** filho de Zebedeu, irmão de Tiago, era o discípulo que Jesus mais amava, sendo o último dos apóstolos a morrer e ainda de causa naturais, escreve seu Evangelho quando muito dos outros já havia sido martirizados, por volta do ano 70 DC. João preocupa em mostrar a divindade de Jesus, como os sinais mostram que era Ele o Filho de Deus. É ainda autor do livro do Apocalipse.

Além dos Evangelhos, o Novo Testamento possui ainda:

- **Atos dos Apóstolos**
- **14 cartas ou epístolas de São Paulo**
- **Sete cartas ou epístolas Universais** (escritas por outros apóstolos, como Tiago Menor e seu irmão Judas Tadeu, Pedro e novamente João Evangelista).
- **Apocalipse** - o mais intrigante livro da Bíblia, escrito também por João Evangelista, sendo este de fato o último livro a ser escrito, trazendo profecias que em parte já se cumpriram.

- Apenas estes livros foram escritos?

Não, dezenas de outros livros foram escritos e supostamente atribuídos ao Novo Testamento, porém, por serem livros que divergem entre si e com os outros já citados anteriormente, a Igreja viu que não poderiam passar de fontes sem nexos de pessoas que não estavam intimamente ligadas a Cristo ou aos apóstolos, e foram escritos por quem ouviu falar deles e assim criou sua própria versão. Esses livros recebem o nome de livros apócrifos, embora não estejam inseridos na Bíblia, são

abertos a quem quiser estudá-los. São exemplos de livros apócrifos: Evangelho de Pedro, Evangelho de Maria, Evangelho de Judas Iscariotes.

Vamos à prática

Até aqui, respondemos muitas questões sobre a história e a concepção da Bíblia, mas vamos ao mais importante, vamos então aprender a lê-la.

Lembre-se que só em meados do ano 450 AC, que Ela passou a ser escrita em pergaminhos e que só por volta do ano 400 DC, já com o NT que foi traduzida para outra língua mais divulga.

Mas, aí vem um pequeno grande detalhe, por mais de mil anos, desde que foi escrita pela 1ª vez, não havia divisões nas escrituras a não ser a referencia dos títulos. Ou seja, não havia capítulo e muito menos versículos, então, se, por exemplo, você quisesse ler o **versículo 1 do salmo 91 “aquele que habita no esconderijo do altíssimo, á sombra do onipotente descansará”**, precisaria ler os 98 salmos anteriores inteirinhos. Por isso desde o princípio, e leitura da Bíblia ficou restrita aos mais velhos e mais sábios e é claro, de boa memória. Por isso toda vez que Jesus cita alguma passagem do antigo Testamento, Ele dá o nome de Escrituras, e não faz outra referencia.

- Quando essa vida dura acabou?

Só na Idade Média, por volta de 1.200, que a divisão que conhecemos hoje foi então feita, e por conta disso, algumas Bíblias Católicas se divergiram um pouco devido a numeração dos Salmos, do livro do Eclesiástico e outros, mas tal divergência não diferencia tanto assim, pois o que ocorre é apenas a união de um ou mais capítulos.

Então, após algum tempo de trabalho, chegamos a conclusão que a Bíblia Católica possui exatamente:

- 1334 capítulos
- 35.568 versículos

Lendo a Bíblia

Vamos aprender a ler a Bíblia então, antes disso, é importante saber alguns detalhes importantes:

- As citações dos livros são feitas abreviadamente, ou seja, poucas vezes veremos o nome completo do livro. Existem algumas formas de abreviações, a mais conhecida, e a que usa como referencia a 1ª letra + 1ª consoante (em alguns casos, usa-se a ainda 2ª consoante ou se for preciso, a ultima vogal do nome).

- Exemplos:

Mateus = Mt

Isaías = Is

Eclesiastes = Ecl

Eclesiástico = Eclo

- Dentro de alguns livros ou cartas, pode haver subdivisões em outros livros, nesse caso, antes das abreviações, usa-se, em algarismo romano ou numeral referente à ordem do livro.

- Exemplos:

O livro de Samuel é subdividido em dois livros:

I Samuel = I Sm

II Samuel = II Sm

As Cartas de João, subdividida em 3:

I João = I Jo

II João = II Jo

III João = III Jo

- Com esta subdivisão, evitamos confundir livros que por esta abreviação, ficaram com a mesma forma.

- Exemplos:

O Evangelho de Marcos e o Livro dos Macabeus, este ultimo é subdividido em 2 livros, então, saberemos de quem se trata quando vier uma dessa abreviações:

I Macabeus = I Mc

Marcos = Mc

- Sabendo então dessas abreviaturas, partimos para o próximo passo, como já foi falado, cada livro é dividido em capítulos, então, além da referencia abreviada, colocamos também o capítulo requerido:

- Exemplo:

O Evangelho segundo Mateus possui 28 capítulos, eu quero encontrar a referencia do capítulo 18, então escreverei a abreviação seguida do numero:

Mateus 18 = Mt 18

- Sabendo o capítulo, o passo seguinte é acrescentar uma vírgula (,), indicando que o capítulo já foi encontrado.

- Exemplo:

Mateus 18 = Mt 18,

- Cada capítulo é subdividido em versículos, assim, após a abreviatura, a numeração e a vírgula, colocasse o numero do versículo:

- Exemplo:

Desejo achar, dentro de Mateus, capítulo 18, o versículo 12:

Mateus cap. 18, vers. 12 = Mt 18, 12

- Em quase todos os casos, a indicação do versículo será procedida (depois) de outros sinais para indicar ou não sua continuidade.

- São eles:

- **o ponto (.)**, que indica que um versículo deve ser lido e então saltar para o outro versículo citado.

- Exemplo:

O Evangelho de Mateus, cap. 18, vers. 12 e 14 = Mt 18, 12.14

- **o hífen (-)**, que indica a continuidade de um versículo até o outro

- Exemplo:

O Evangelho de Mateus, cap. 18, vers. 12 até 14 = Mt 18, 12-14

- **o ponto e vírgula (;)**, que indica um salto entre os capítulos do livro.

- Exemplo:

O Evangelho de Mateus, cap. 18, vers. 12; e cap. 20, vers. 1 = Mt 18, 12; 20,1

- **(s) ou (ss)**, são usados para indicar a continuidade do versículo, no caso de (s), usado para indicar que a leitura segue para o versículo seguinte, já (ss) indica que a leitura segue até o final do capítulo.

O Evangelho de Mateus, cap. 18, vers. 12 e seguinte = Mt 18, 12s

O Evangelho de Mateus, cap. 18, vers. 12 e seguintes = Mt 18,12ss

- Como conseguir compreender a Bíblia?

De princípio, ninguém consegue, logo na primeira experiência, decorar ou entender completamente o que alguns livros dizem daí outra dica importante: comece a ler a Bíblia por um livro pequeno e fácil, como as 3 cartas de São João, que se tratam de um resumo do Evangelho do autor. Em seguida passando para outros Evangelhos.

Nota* = Toda Bíblia possui notas do canto inferior, ao ler um capítulo, basta ler a nota do rodapé para saber de uma referência, ou ainda de sua explicação.

- Tente descobrir, se necessário escreva ou marque, toda vez que encontrar citações que indicam promessas, ordem, proibição, exaltação etc.

MÓDULO II - BÍBLICO – CRISTOLÓGICO

O REINO DE DEUS ANUNCIADO NOS TEMPOS DE HOJE

“Todos os homens são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel, este Reino messiânico está destinado a acolher os homens de todas as nações. Para ter acesso a ele, é preciso acolher a palavra de Jesus: Pois a palavra do Senhor é comparada à semente semeada no campo: os que a ouvem com fé e são contados no número da pequena grei de Cristo receberam o próprio Reino; depois, por sua própria força, a semente germina e cresce até o tempo da messe.” (CIC§§ 543)

(Mateus 13,44-46) - *“O Reino dos céus é também semelhante a um tesouro escondido num campo. Um homem o encontra, mas o esconde de novo. E, cheio de alegria, vai, vende tudo o que tem para comprar aquele campo. O Reino dos céus é ainda semelhante a um negociante que procura pérolas preciosas. Encontrando uma de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra.”*

Aprofundamos

Todos os homens são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel, este Reino messiânico está destinado a acolher os homens de todas as nações. Para ter acesso a ele, é preciso acolher a palavra de Jesus. Pois a palavra do Senhor é comparada à semente semeada no campo: os que a ouvem com fé e são contados no número da pequena grei de Cristo receberam o próprio Reino; depois, por sua própria força, a semente germina e cresce até o tempo da messe.

O Reino pertence aos pobres e aos pequenos, isto é, aos que o acolheram com um coração humilde. Jesus é enviado para "evangelizar os pobres" (Lc 4,18). Declara-os

bem-aventurados, pois "o Reino dos Céus é deles" (Mt 5,3); foi aos "pequenos" que o Pai se dignou revelar o que permanece escondido aos sábios e aos entendidos. Jesus compartilha a vida dos pobres desde a manjedoura até a cruz; conhece a fome, a sede e a indignação. Mais ainda: identifica-se com os pobres de todos os tipos e faz do amor ativo para com eles a condição para se entrar em seu Reino.

Jesus convida os pecadores à mesa do Reino: "Não vim chamar justos, mas pecadores" (Mc 2,17). Convida-os à conversão, sem a qual não se pode entrar no Reino, mas mostrando-lhes, com palavras e atos, a misericórdia sem limites do Pai por eles e a imensa "alegria no céu por um único pecador que se arrepende" (Lc 15,7). A prova suprema de este amor ser o sacrifício de sua própria vida "em remissão dos pecados" (Mt 26,28).

Jesus convida a entrar no Reino por meio das parábolas, traço típico de seu ensinamento. Por elas, convida ao festim do Reino, mas exige também uma opção radical: para adquirir o Reino é preciso dar tudo; as palavras não bastam, são necessários atos. As parábolas são como espelhos para o homem: este acolhe a palavra como um solo duro ou como uma terra boa? Que faz ele dos talentos recebidos. Jesus e a presença do Reino neste mundo estão secretamente no coração das parábolas. E preciso entrar no Reino, isto é, tomarem-se discípulos de Cristo para "conhecer os mistérios do Reino dos Céus" (Mt 13,11). Para os que ficam "de fora" (Mc 4,11), tudo permanece enigmático.

Jesus acompanha suas palavras com numerosos "milagres, prodígios e sinais" (At 2,22) que manifestam que o Reino está presente nele. Atestam que Jesus é o Messias anunciado.

Ao libertar certas pessoas dos males terrestres da fome, da injustiça, da doença e da morte, Jesus operou sinais messiânicos; não veio, no entanto, para abolir todos os males da terra, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado, que os entrava em sua vocação de filhos de Deus e causa todas as suas escravidões humanas.

O advento do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás: "Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós" (Mt 12,28). Os exorcismos de Jesus libertam homens do domínio dos demônios.

Antecipam a grande vitória de Jesus sobre "o príncipe deste mundo". E pela Cruz de Cristo que o Reino de Deus ser definitivamente estabelecido: "Regnavit a ligno Deus - Deus reinou do alto do madeiro.

Desde o início de sua vida pública, Jesus escolhe homens em número de doze para estar com Ele e para participar de sua missão; dá-lhes participação em sua autoridade "e enviou-os a proclamar o Reino de Deus e a curar" (Lc 9,2). Permanecem eles para sempre associados ao Reino de Cristo, pois Jesus dirige a Igreja por intermédio deles. Disponho para vós o Reino, como meu Pai o dispôs para mim, a fim de que comais e bebais à minha mesa em meu Reino, e vos senteis em tronos para julgar as doze tribos de Israel.(CIC§§ 543-51).

Concluimos

O Reino dos céus é a solução apresentada para as desigualdades do mundo, a violência, a corrupção, a miséria e a dominação dos poderosos. Jesus não veio para acabar com elas, que sempre estarão no mundo, mas Ele veio propor uma alternativa, um fundamento e para a esperança, de que após toda a dificuldade, nos é dada a chance de buscar algo maior, o seu Reino.

Somos convidados a então tentar viver esse Reino, a todo o momento, e quem for capaz de encontrá-lo, encontrará seu tesouro.

MÓDULO II - BÍBLICO – CRISTOLÓGICO

"Grande é o Mistério da fé." A Igreja o professa no Símbolo dos Apóstolos (Primeira Parte) e o celebra na Liturgia sacramental (Segunda parte), para que a vida dos fiéis seja conforme a Cristo no Espírito Santo para a glória de Deus Pai (Terceira parte). Esse Mistério exige, pois, que os fiéis nele creiam, celebrem-no e dele vivam numa relação viva e pessoal com o Deus vivo e verdadeiro. Essa relação é a oração... A oração é um impulso do coração, é um simples olhar lançado ao céu, um grito de reconhecimento e amor no meio da provação ou no meio da alegria. (CIC§§ 2558).

(Lucas 11,1-4) - *Um dia, num certo lugar, estava Jesus a rezar. Terminando a oração, disse-lhe um de seus discípulos: Senhor, ensina-nos a rezar, como também João ensinou a seus discípulos. Disse-lhes ele, então: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o vosso nome; venha o vosso Reino, dai-nos hoje o pão necessário ao nosso sustento, perdoai-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos àqueles que nos ofenderam; e não nos deixeis cair em tentação.*

Aprofundamos

“Ao orar, Jesus já nos ensina a orar. O caminho teológico de nossa oração é a oração a seu Pai. Mas o Evangelho nos dá um ensinamento explícito de Jesus sobre a oração. Como pedagogo, ele nos toma onde estamos e, progressivamente, nos conduz ao Pai. Dirigindo-se às multidões que o seguem, Jesus parte daquilo que elas já conhecem da oração, conforme a Antiga Aliança, e as abre para a novidade do Reino que vem. Depois lhes revela em parábolas essa novidade. Enfim, falará abertamente do Pai e do Espírito Santo a seus discípulos, que deverão ser pedagogos da oração em sua Igreja.” **(CIC§§ 2607).**

“No Sermão da Montanha, Jesus insiste na conversão do coração: a reconciliação com o irmão antes de apresentar uma oferenda no altar, o amor aos inimigos e a oração pelos perseguidores, a oração ao Pai "em segredo" (Mt 6,6), a não multiplicação das palavras, o perdão do fundo do coração na oração, a pureza do coração e a busca do Reino. Essa conversão é inteiramente orientada para o Pai; é filial.

O coração assim decidido a se converter aprende a orar na fé. A fé é uma adesão filial a Deus, acima daquilo que sentimos e compreendemos. Tomou-se possível porque o Filho bem-amado nos abre as portas para o Pai. Este pode pedir-nos que "procuremos" e "batamos", uma vez que Ele mesmo é a porta e o caminho.

Assim como Jesus ora ao Pai e dá graças antes de receber seus dons, Ele nos ensina essa audácia filial: "Tudo quanto suplicardes e pedirdes crede que já

recebestes" (Mc 11,24). "Tudo é possível para quem crê" (Mc 9,23), com uma fé "que não hesita". Tal é à força da oração. Se por um lado Jesus se entristece pela "falta de fé" de seus parentes (Mc 6,6) e pela "fraqueza na fé" de seus discípulos, por outro lado fica admirado com a "grande fé" do centurião romano e da Cananéia.

A oração de fé não consiste apenas em dizer "Senhor, Senhor", mas em levar o coração a fazer a vontade do Pai. Jesus convida os discípulos a terem, na oração, a preocupação de cooperarem com o plano divino.

Em Jesus, "o Reino de Deus está próximo" (Mc 1,15) e convoca à conversão e à fé, como também, à vigilância. Na oração, o discípulo vigia atento Aquele que É e que Vem na memória de sua primeira Vinda à humildade da carne e na esperança de sua segunda Vinda à Glória. Em comunhão com o Mestre a oração dos discípulos é um combate, e é vigiando na prece que não se cai em tentação." (CIC§§ 2608-2612).

"No Novo Testamento, o modelo perfeito da oração encontra-se na prece filial de Jesus. Feita muitas vezes na solidão, no segredo, a oração de Jesus implica uma adesão amorosa à vontade do Pai até a cruz e uma confiança absoluta de ser ouvido.

Jesus ensina seus discípulos a orar com um coração purificado, uma fé viva e perseverante, uma audácia filial. Incita-os à vigilância e convida-os a apresentar a Deus seus pedidos em seu Nome. Jesus Cristo atende pessoalmente às orações, que lhe são dirigidas.

A oração da Virgem Maria, em seu "Fiat" e em seu "Magnificat", caracteriza-se pela oferta generosa de todo seu ser na fé. **(CIC§§ 2620 – 2622).**

"A oração é dirigida, sobretudo ao Pai; também é dirigida Jesus, sobretudo pela invocação de seu santo nome: "Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tende piedade de nós, pecadores!"

"Ninguém pode dizer: 'Jesus é Senhor', a não ser no Espírito Santo" (1 Cor 12,3). A Igreja nos convida a invocar o Espírito Santo como o Mestre interior da oração cristã.

Em virtude da cooperação singular da Virgem Maria com a ação do Espírito Santo, a Igreja gosta de rezar em comunhão com ela, para exaltar com ela as grandes coisas que Deus realizou nela e para confiar-lhe súplicas e louvores. **(CIC§§ 2680 -2682).**

“A Igreja convida os fiéis a uma oração regular: orações diárias, Liturgia das Horas, Eucaristia dominical, festas do ano litúrgico.

A tradição cristã compreende três expressões maiores da vida de oração: a oração vocal, a meditação e a oração mental. Estas têm em comum o recolhimento do coração.

A oração vocal, fundada na união do corpo e do espírito na natureza humana, associa o corpo á oração interior do coração, a exemplo de Cristo, que reza a seu Pai e ensina o "Pai-Nosso" a seus discípulos.

A meditação é uma busca orante que põe em ação o pensamento, a imaginação, a emoção, o desejo. Tem por finalidade a apropriação crente do assunto meditado, confrontado com a realidade de nossa vida.

A oração mental é a expressão simples do mistério da oração. E um olhar de fé fito em Jesus, uma escuta da Palavra de Deus, um silencioso amor. Realiza a união à oração de Cristo na medida em que nos faz participar de seu Mistério.” **(CIC§§ 2720-2724).**

A Oração Do Pai Nosso

“Na liturgia romana, a assembleia eucarística é convidada a rezar o Pai-Nosso com ousadia filial; as liturgias orientais utilizam e desenvolvem expressões análogas: "Ousar com toda a segurança", "torna-nos dignos de". Diante da sarça ardente, foi dito a Moisés: "Não te aproximes daqui; tira as sandálias" (Ex 3,5). Este limiar da Santidade divina só Jesus podia transpor, Ele que, "depois de ter realizado a purificação dos pecados" (Hb 1,3), nos introduz diante da Face do Pai: "Eis - me aqui com os filhos que Deus me deu" (Hb 2,13). **(CIC§§ 2777).**

A confiança simples e fiel, a segurança humilde e alegre são as disposições que convêm a quem reza o **Pai-Nosso**.

Podemos invocar a Deus como "**Pai**" porque o Filho de Deus feito homem no-lo revelou, Ele, em quem, pelo Batismo, somos incorporados e adotados como filhos de Deus.

A oração do Senhor nos põe em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, ela nos revela a nós mesmos.

Rezar ao Pai "**nosso**" deve desenvolver em nós a vontade de nos assemelhar a Ele e (fazer crescer em nós) um coração humilde e confiante.

Dizendo **Pai Nosso**, invocamos a Nova Aliança em Jesus Cristo, a comunhão com a Santíssima Trindade e a caridade divina que se estende, pela igreja, às dimensões do mundo.

"**Que estais nos céus**" não designa um lugar, mas a majestade de Deus e sua presença no coração dos justos. O céu, a Casa do Pai, constitui a verdadeira pátria para onde nos dirigimos e à qual já pertencemos.

No "Pai-Nosso", os três primeiros pedidos têm por objeto a Glória do Pai: a santificação do Nome, a vinda do Reino e o cumprimento da Vontade divina. Os quatro seguintes apresentam-lhe nossos desejos: esses pedidos concernem à nossa vida, para nutri-la ou para curá-la do pecado, e se relacionam com nosso combate visando à vitória do Bem sobre o Mal.

Ao pedir: "**Santificado seja o vosso Nome**" entramos no plano de Deus, a santificação de seu Nome - revelado a Moisés, depois em Jesus - por nós e em nós, bem como em todas as nações e em cada ser humano.

Com o segundo pedido, "**Venha a nós o vosso reino**", a Igreja tem em vista principalmente a volta de Cristo e a vinda final do Reino de Deus, rezando também pelo crescimento do Reino de Deus no "hoje" de nossas vidas.

No terceiro pedido, "**Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu**", rezamos ao nosso Pai para que una nossa vontade à de seu Filho, a fim de realizar seu plano de salvação na vida do mundo.

No quarto pedido, ao dizer **"Dai-nos"**, exprimimos, em comunhão com nossos irmãos, nossa confiança filial em nosso Pai do céu. **"Pão Nosso"** designa o alimento terrestre necessário à subsistência de todos nós e significa também o Pão de Vida: Palavra de Deus e Corpo de Cristo. É recebido no **"Hoje"** de Deus como o alimento indispensável, (super) essencial do Banquete do Reino que a Eucaristia antecipa.

O quinto pedido, **"Perdoai-nos as nossas ofensas"**, implora a misericórdia de Deus para nossas ofensas, misericórdia que só pode penetrar em nosso coração se soubermos perdoar nossos inimigos, a exemplo e com a ajuda de Cristo, **"assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido"**.

Ao dizer **"Não nos deixeis cair em tentação"**, pedimos a Deus que não nos permita trilhar o caminho que conduz ao pecado. Este pedido implora o Espírito de discernimento e de fortaleza; solicita a graça da vigilância e a perseverança final.

No último pedido, **"Mas livrai-nos do mal"**, o cristão pede a Deus, com a Igreja, que manifeste a vitória, já alcançada por Cristo, sobre o "Príncipe deste mundo", sobre Satanás, o anjo que se opõe pessoalmente a Deus e a seu plano salvação.

Pelo **"Amém"** final exprimimos nosso 'Fiat' em relação aos sete pedidos: "Que assim seja!".

Concluimos

A oração é a expressão da alma, o contato que temos com Deus e a oportunidade de expor nossas vontades, suplicas e pedidos. Quem ora tem um dia melhor, pedir e buscar ser atendido é o que nos impulsiona a ter fé.

MÓDULO II - BÍBLICO – CRISTOLÓGICO

AMAR AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO

"Deus, infinitamente Perfeito e Bem-aventurado em si mesmo, em um desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para fazê-lo participar de sua vida bem-aventurada. Eis por que, desde sempre e em todo lugar, está perto do

homem. Chama-o e ajuda-o a procurá-lo, a conhecê-lo e a amá-lo com todas as suas forças. Convoca todos os homens, dispersos pelo pecado, para a unidade de sua família, a Igreja. Faz isto por meio do Filho, que enviou como Redentor e Salvador quando os tempos se cumpriram. Nele e por Ele, chama os homens a se tornarem, no Espírito Santo, seus filhos adotivos, e, portanto os herdeiros de sua vida bem-aventurada.” (CIC§§ 1)

(João 13,34-35) - “Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.

Aprofundamos

O Amor

A palavra Amor é um substantivo masculino, usado para definir algo que nos faz aproximar, proteger outra pessoa a qual sentimos afeto ou atração. Os antigos gregos tinham duas formas de amor, para cada uma davam um nome: Eros e Philia (Filia).

Enquanto que o Eros explicava o sentimento de paixão, de atração que os amantes tinha um pelo outro, o Filia era sua evolução, ou seja, o sentimento que se tem pelo frutos do Eros, ou seja, um amor paternal, de pai para filho, ou o contrario. E durante muito tempo não se falava de outra forma de amor.

Então surgem os cristãos com um novo termo para o amor, Ágape. O Ágape é o amor sem medidas, sem troca, sem motivos para se amar, algo que no Eros e Filia são necessários (como amar alguém que não nos ama ou não tem nenhuma ligação conosco – algo que o Ágape Poe em pratica, amar o próximo sem querer nada em troca, apenas o bem dessa pessoa. Mais tarde, o Ágape foi traduzida para Caridade.

A Caridade

A caridade é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas, por si mesmo, e a nosso próximo como a nós mesmos, por amor de Deus.

Jesus fez da caridade o novo mandamento. Amando os seus "até o fim" (Jo 13,1), manifesta o amor do Pai que Ele recebe. Amando-se uns aos outros, os discípulos imitam o amor de Jesus que eles também recebem. Por isso diz Jesus: "Assim como o Pai me amou, também eu vos amei. Permanecei em meu amor" (Jo 15,9). E ainda: "Este é o meu preceito: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Jo 15,12).

Fruto do Espírito e da plenitude da lei, a caridade guarda os mandamentos de Deus e de seu Cristo: "Permanecei em meu amor. Se observais os meus mandamentos, permanecereis no meu amor" (Jo 15,9-10).

Cristo morreu por nosso amor quando éramos ainda "inimigos" (Rm 5,10). O Senhor exige que amemos, como Ele, mesmo os nossos inimigos, que nos tornemos o próximo do mais afastado, que amemos como Ele as crianças e os pobres. O apóstolo S. Paulo traçou um quadro incomparável da caridade: "A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (I Cor 13,4-7).

Diz ainda o apóstolo: "Se não tivesse a caridade, nada seria...". E tudo o que é privilégio, serviço e mesmo virtude... "se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria". A caridade superior a todas as virtudes. E a primeira das virtudes teologais "Permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade" (1 Cor 13,13).

O exercício de todas as virtudes é animado e inspirado pela caridade, que é o "vínculo da perfeição" (Cl 3,14); é a forma das virtudes, articulando-as e ordenando-as entre si; é fonte e termo de sua prática cristã. A caridade assegura purifica nossa capacidade humana de amar, elevando-a à feição sobrenatural do amor divino.

A prática da vida moral, animada pela caridade, dá ao cristão a liberdade espiritual dos filhos de Deus. Já não está diante de Deus como escravo em temor servil, nem como mercenário à espera do pagamento, mas como um filho que responde ao amor daquele "que nos amou primeiro" (1 Jo 4,19): Ou nos afastamos do mal por medo do castigo, estando assim na posição do escravo; ou buscamos o atrativo da

recompensa, assemelhando-nos aos mercenários; ou é pelo bem em si mesmo e por amor de quem manda que nós obedecemos... e estaremos então na posição de filhos.

A caridade tem como frutos a alegria, a paz e a misericórdia exige a beneficência e a correção fraterna; é benevolência; suscita a reciprocidade; é desinteressada e liberal; é amizade e comunhão: A finalidade de todas as nossas obras é o amor. Este é o fim, é para alcançá-lo que corremos, é para ele que corremos; uma vez chegados, é nele que repousaremos. (CIC§1822-29)

Concluimos

Amar sem medidas é a maior virtude de um cristão, fazer o bem a todos independente de quem seja, e praticar a caridade além de necessária, nos deixa com um sentimento de dever cumprido.

MÓDULO III - NÚCLEO ECLESIAL – LITÚRGICO

O QUE É A IGREJA

“A palavra "Igreja" ["ekklésia", do grego "ekkaléin" "chamar fora"] significa "convocação". Designa assembleias do povo, geralmente de caráter religioso. É o termo frequentemente usado no Antigo Testamento grego para a assembleia do povo eleito diante de Deus, sobretudo para a assembleia do Sinai, onde Israel recebeu a Lei e foi constituído por Deus como seu Povo santo. Ao denominar-se "Igreja", a primeira comunidade dos que criam em Cristo se reconhece herdeira dessa assembleia. Nela, Deus "convoca" seu Povo de todos os confins da terra. O termo "Kyriakà", do qual deriva "Church", "Kirche", significa "a que pertence ao Senhor".

Na linguagem cristã, a palavra "Igreja" designa a assembleia litúrgica, mas também a comunidade local ou toda a comunidade universal dos crentes. Esses três significados são inseparáveis. "A Igreja" é o Povo que Deus reúne no mundo inteiro. Existe nas comunidades locais e se realiza como assembleia

litúrgica, sobretudo eucarística. Ela vive da Palavra e do Corpo de Cristo e se torna, assim, Corpo de Cristo. (CIC §§ 751-752)

(Mateus 16,18-19) - *“E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.*

Aprofundamos

O QUE É A IGREJA CATÓLICA?

É o maior e mais antigo ramo do cristianismo. O termo deriva do grego *Katholikos*, que quer dizer universal. Exprime a ideia de uma igreja que pode levar o evangelho a qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo. Um dos pontos histórico da doutrina é a canonização (conversão em santos) dos cristãos que a Igreja acredita terem sido mártires, ou que tenham sido instrumentos de Deus em operar milagres. Os fiéis católicos veneram, não adoram os santos com sendo exemplos de fé e vida cristã e como intercessores junto a Deus. Maria, a mãe de Jesus, é considerada a maior intermediária entre os fiéis e seu filho.

A história do catolicismo esta associada principalmente ao fim do Império Romano, onde, diante do êxodo em que os imperados romanos faziam em meio às invasões bárbaras, e com a transferência do império para o oriente, os cidadãos romanos buscavam na Igreja, através de seus sacerdotes, alguém a quem os guiassem, que se colocariam para administrá-los, e como a Igreja já fazia isso espiritualmente, também passou a fazê-lo socialmente. Um grande equívoco histórico é dizer que a Igreja Católica é uma continuação do império romano, pois os próprios historiadores confirmam que a igreja do ocidente jamais esteve associada o império, tendo em vista de que quando foi liberada a prática do cristianismo em Roma, o imperador Constantino transferiu a sede do império para Bizâncio, na Turquia, fundando Constantinopla. E a partir do século XVI, sua difusão se acentua com a colonização europeia da Ásia e da América. A administração está estruturada em regiões geográficas autônomas, as dioceses, dirigidas por bispos subordinados ao papa.

Desde a Idade Média, os papas são eleitos por um colégio especial de cardeais. O primeiro papa. Ou seja, o primeiro homem a administrar a Igreja depois de Jesus, foi o apóstolo Pedro. Desde então, a Igreja Católica já teve 265 papas, sendo que o polonês Karol Wojtyla, teve seu papado como sendo o mais longo da história, 26 anos, adotando o nome de João Paulo II. Atualmente, o papa eleito atende pelo nome de Bento XVI. Um fato curioso, é que todo papa eleito não será chamado pelo seu verdadeiro nome, mas sim deve adotar um nome de um antecessor, cuja vida religiosa serve como exemplo, por isso Bento XVI se inspirou nos seus 15 antecessores. Outro ponto interessante a ser notado na Igreja Católica, são as chamadas ordens religiosas, como as dos Franciscanos, Beneditinos, Dominicanos e tantas outras também muito importantes, essas ordens foram fundadas por pessoas de grande influência na igreja, e cada um mostra a mensagem cristã de uma forma concreta, realizando obras em benefícios aos mais desprovidos.

MÓDULO III - NÚCLEO ECLESIAL – LITÚRGICO

O QUE É UM SANTO?

Os homens e as mulheres que a Igreja Católica chama de “santos” são milhares, mais de vinte e sete mil, como afirma René Fullop Muller, em seu livro “Os Santos que abalaram o mundo”. São de todas as condições de vida, raças, cores, culturas, países, etc. Porém, uma coisa é comum a todos: eles foram heroicamente bons; basta analisar a vida deles. A santidade é basicamente a estreita união do homem com Deus; desse contato resulta a perfeição moral. Deus é santo por natureza; os homens são santos na medida em que se aproximam d’Ele.

No céu todos os bem-aventurados estão intimamente unidos a Deus pela visão imediata d’Ele. Isso é chamado de “visão beatífica”. Todos os que estão no céu atingiram a santidade perfeita. Aqui na terra os homens são unidos a Deus por meio da graça divina. Essa graça é um dom, livremente dado por Ele, por meio do qual nos tornamos “participantes da natureza divina”, como São Pedro afirma (cf. 2 Pd 1, 4). Quanto mais graça um homem tem, tanto mais semelhante a Deus se torna. Um santo canonizado foi alguém que na terra praticou a bondade heroica em todas as suas ações. Um homem ou uma mulher não é canonizado por ter uma só virtude.

Não é suficiente que ele não tenha faltas salientes. Mesmo uma pequena fraqueza é uma grande falta num santo. Um santo tem um controle perfeito de todas as virtudes. O santo não faz da sua vida espetáculo. Começa pelas virtudes sólidas, comuns da vida cristã, e depois as desenvolve até um grau extraordinário. São Vicente de Paulo costumava dizer que “um cristão não deveria fazer coisas extraordinárias, mas sim fazer extraordinariamente bem as coisas ordinárias”.

Alguns pensam que são atribuídos rótulos aos Santos, como se fossem mercadorias de consumo espiritual. Mas, não é assim. Os santos são pessoas humanas que viveram neste mundo como verdadeiros modelos de cristãos, seguindo o Evangelho de Cristo e colocando-o em prática em suas vidas. Viveram conforme a vontade de Deus; por essa razão, conquistaram o céu.

A Igreja, assistida pelo Espírito Santo, depois de um rigoroso processo de beatificação e canonização – nos quais são exigidos no mínimo dois milagres, confirmados pela medicina – declara, por intermédio do Papa, que eles estão no céu gozando da comunhão com vida e da visão beatífica do Senhor.

E as imagens de santos na Igreja Católica?

Desde os primeiros séculos os cristãos pintaram e esculpiram imagens de Jesus, de Nossa Senhora, dos Santos e dos Anjos, não para adorá-las, mas para venerá-las. As catacumbas e as igrejas de Roma, dos primeiros séculos, são testemunhas disso.

Só para citar um exemplo, podemos mencionar aqui o fragmento de um afresco da catacumba de Priscila, em Roma, do início do século III. É a mais antiga imagem da Santíssima Virgem, uma das mais antigas da arte cristã, sobre o mistério da Encarnação do Verbo. Mostra a imagem de um homem que aponta para uma estrela situada acima da Virgem Maria com o Menino nos braços. O Catecismo da Igreja traz uma cópia dessa imagem (Ed. de bolso, Ed. Loyola, pag.19).

Este exemplo mostra que desde os primeiros séculos os cristãos já tinham o salutar costume de representar os mistérios da fé por imagens, em forma de ícones ou estátuas. É o caso de se perguntar, então: Será que foram eles idólatras por cultuarem essas imagens? É claro que não? Eles foram santos, mártires,

derramaram muitos deles, o sangue em testemunho da fé. Seria blasfêmia acusar os primeiros mártires da fé de idólatras.

No século VIII, sob influência do judaísmo e do islamismo, surgiu um movimento herético que se pôs a combater o uso das imagens. Eram os iconoclastas. O grande e principal defensor do uso das imagens na época foi o santo e doutor da Igreja S. João Damasceno (de Damasco), falecido em 749, o qual foi muito perseguido por se manter fiel e defensor dessa santa Tradição cristã. A fim de dirimir as dúvidas sobre a questão, o Papa Adriano I (772-795) convocou o II Concílio Ecumênico de Nicéia, que se realizou de 24/09 a 23/10/787. Assim se expressou o Concílio, resolvendo para sempre a questão: “Na trilha da doutrina divinamente inspirada dos nossos santos Padres, e da Tradição da Igreja Católica, que sabemos ser a tradição do Espírito Santo que habita nela, definimos com toda a certeza e acerto que as veneráveis e santas imagens, bem como a representação da cruz preciosa e vivificante, sejam elas pintadas, de mosaico ou de qualquer outra matéria apropriada, devem ser colocadas nas santas igrejas de Deus, sobre os utensílios e as vestes sacras, sobre paredes e em quadros, nas casas e nos caminhos, tanto a imagem de Nosso Senhor, Deus e Salvador, Jesus Cristo, quanto à de Nossa Senhora, a puríssima e santíssima mãe de Deus, dos santos anjos, de todos os santos e dos justos” (Catecismo da Igreja Católica, nº 1161).

Essas palavras, por serem de um Concílio da Igreja, são ensinamentos oficiais e infalíveis, e não podemos colocá-los em dúvida. O grande S. João Damasceno dizia: “A beleza e a cor das imagens estimulam a minha oração. É uma festa para meus olhos, tanto quanto o espetáculo do campo estimula meu coração a dar glória a Deus” (nº 1162). O nosso Catecismo explica que: “A imagem sacra, o ícone litúrgico, representa principalmente Cristo.

Ela não pode representar o Deus invisível e incompreensível; é a encarnação do Filho de Deus que inaugurou uma nova “economia” das imagens “(1159).

S. Tomás de Aquino (1225-1274) também defendia o uso das imagens, afirmando: “O culto da religião não se dirige às imagens em si como realidades, mas as considera em seu aspecto próprio de imagens que nos conduzem ao Deus

encarnado.

Ora, o movimento que se dirige à imagem enquanto tal não termina nela, mas tende para a realidade da qual é imagem “(2131). Muitos querem incriminar a Igreja Católica, afirmando que ela desrespeita a ordem que Deus deu a Moisés: “não vos pervertais, fazendo para vós uma imagem esculpida em forma de ídolo...” (Dt 4,15-16). Os cristãos, desde os primeiros séculos, entenderam, sob a luz do Espírito Santo, que Deus nunca proibiu fazer imagens, e sim “ídolos”, deuses, para adorar. O povo de Deus vivia na terra de Canaã, cercado de povos pagãos que adoravam ídolos em forma de imagens (Baals, Moloc, etc). Era isso que Deus proibia terminantemente.

A prova de que Deus nunca proibiu imagens, é que Ele próprio ordenou a Moisés que fabricasse imagens de dois Querubins e que também pintasse as suas imagens nas cortinas do Tabernáculo. Os querubins foram colocados sobre a Arca da Aliança. “Farás dois querubins de ouro; e os farás de ouro batido, nas duas extremidades da tampa, um de um lado e outro de outro... Terão esses querubins suas asas estendidas para o alto e protegerão com elas a tampa...” (Ex. 25,18s, Ex 37,7; 1 Rs. 6,23; 2 Cr. 3,10). “Farás o tabernáculo com dez cortinas de linho fino retorcido, de púrpura violeta sobre as quais alguns querubins serão artisticamente bordados” (Ex. 26,1. 31).

Que fique claro de uma vez por todas, Deus nunca proibiu imagens, e sim, “fabricar imagens de deuses falsos”. O mesmo Deus mandou que, no deserto, Moisés fizesse uma imagem de uma serpente de bronze (Nm 21, 8-9), que prefigurava Jesus pregado na cruz (Jo 3,14). Também o rei Salomão, quando construiu o templo, mandou fazer querubins e outras imagens (I Rs 7,29).

O culto que a Igreja Católica presta a Deus, e só a Deus, é um culto chamado “latria”, isto é, de adoração. Aos anjos e santos é um culto chamado “dulia”, de veneração. Maria, como Mãe de Deus recebe o culto de “hiper dulia”, super veneração digamos, mas que está muito longe da adoração devida só a Deus. São Pedro, ao terminar a segunda Carta falava do perigo daqueles que interpretavam erroneamente as Escrituras: “Nelas há algumas passagens difíceis de entender, cujo

sentido os espíritos ignorantes ou pouco fortalecidos deturpam, para a sua própria ruína, como o fazem também com as demais Escrituras” (2 Pe 3,16). Infelizmente isto continua a acontecer com aqueles que querem dar uma interpretação individual à Palavra de Deus, sem autorização oficial da Igreja, levando multidões ao erro. Só a Igreja é a autêntica intérprete da Bíblia (cf. Dei Verbum, 10), pois foi ela que, inspirada pelo Espírito do Senhor (Jo 16,12), a compôs.

As imagens, sempre foram, em todos os tempos, um testemunho da fé. Para muitos que não sabiam ler, as belas imagens e esculturas foram como que o Evangelho pintado nas paredes ou reproduzido nas esculturas. E assim há de continuar a ser. É claro que o culto por excelência é prestado a Deus, mas isto não justifica que as imagens sejam retiradas das nossas igrejas. Ao contrário, elas nos lembram que aqueles que elas representam, chegaram à santidade por graça e obra do próprio Deus. Assim, as imagens, dão, antes de tudo, glória a Deus.

Muitas vezes, os católicos são acusados de idolatria e de prestarem um culto indevido aos Santos, aos Anjos e à Virgem Maria, bem como às suas imagens e relíquias. A intercessão dos Santos e sua mediação por nós em nada substituem a ação única e essencial de Jesus; mas sim, a valorizam ainda mais, pois dependem dela para ter eficácia.

Uma das orações Eucarísticas da Santa Missa diz que **“os Santos intercedem no Céu por nós diante de Deus, sem cessar”**. Que maravilha! Essa intercessão leva-nos mais a fundo no plano de Deus, porque promove a glória de Deus e o louvor de Jesus Cristo, uma vez que os Santos são “obras-primas” de Cristo, os quais nos levam, por suas preces e seus exemplos, a reconhecer melhor a grandeza da nossa Redenção.

O culto aos Santos tem ao menos três sentidos profundos:

- 1 – Dar glória a Deus, de quem os Santos são obras-primas de sua graça; pois são Santos pela graça de Deus;
- 2 – Suplicar-lhes a intercessão por nós e pela Igreja;

3– Mostrar que os Santos são modelos de vida a serem imitados, uma vez que amaram e serviram a Deus perfeitamente.

Deus nunca proibiu ao povo fazer imagens dos Santos, mas proibiu fazer “imagens de ídolos”. E isso a Igreja nunca fez. Os Santos não são ídolos, nem são adorados, mas sim, venerados, o que é completamente diferente. As imagens são um meio e não um fim em si. Aristóteles, sábio filósofo grego, já dizia: “Nada está na mente que não tenha passado pelos sentidos”. É que o homem em sua vida sensitiva depende das coisas que o cercam. A visão de uma imagem desperta na alma pensamentos salutareis, o anseio de imitar o Santo de sua devoção, a se sacrificar por Jesus crucificado.

MÓDULO III - NÚCLEO ECLESIAL – LITÚRGICO

IGREJA CATÓLICA, 24 IGREJAS AUTÔNOMAS

Você sabia que a **Igreja Católica** é atualmente constituída por **24 Igrejas autônomas “*sui juris*”**?

Pois é! A Igreja Católica não se limita ao rito romano. Ela é uma grande comunhão de 24 Igrejas, sendo **1 ocidental e 23 orientais**.

O ramo ocidental é representado pela tradição latina da **Igreja Católica Apostólica Romana**. É chamado “ocidental” por conta da localização geográfica de Roma e não porque a sua presença se restrinja a países do Ocidente: na verdade, a Igreja Católica de rito romano está presente no mundo inteiro e tem dioceses em todos os continentes, de Portugal ao Japão, do Brasil à Rússia, de Angola à China, do Canadá à Nova Zelândia.

As **Igrejas católicas orientais** também têm fiéis espalhados pelo mundo, mas, por razões históricas, estão mais fortemente presentes nos lugares onde surgiram. Possuem tradições culturais, teológicas e litúrgicas diferentes, bem como estrutura e organização territorial própria, mas professam a mesma e única doutrina e fé

católica, mantendo-se, portanto, **em comunhão completa entre si e com a Santa Sé**.

Todas as 24 Igrejas que compõem a Igreja Católica são consideradas Igrejas “*sui juris*”, ou seja, são autônomas para legislar de modo independente a respeito de seu **rito** e da sua **disciplina**, mas não a respeito dos **dogmas**, que são universais e comuns a todas elas e garantem a sua **unidade de fé** – formando, na essência, uma **única** Igreja Católica obediente ao Santo Padre, o **Papa**, que a todas preside na caridade.

A legislação de cada Igreja “*sui juris*” é estudada e aprovada pelo seu respectivo **sínodo**, ou seja, pela reunião dos seus bispos sob a presidência do seu **arcebispo-maior** ou **patriarca**. Por exemplo, a Igreja Melquita é presidida por Sua Beatitude o Patriarca Gregório III; a Igreja Greco católica Ucraniana, por Sua Beatitude o Arcebispo-Maior Dom Sviatoslav Shevchuk. O rebanho dos fiéis católicos de rito latino é guiado diretamente pelo **Papa Francisco**, bispo de Roma, que é também o líder de toda a grande comunhão da Igreja Católica em suas diversas tradições.

É muito comum até hoje, em especial no Ocidente, confundir a Igreja Católica com o rito latino, um erro que vem acontecendo há séculos e que, ao longo da história, já causou sérios prejuízos aos católicos de ritos orientais. O que é preciso entender é que **todos os católicos latinos são, obviamente, católicos; mas nem todos os católicos são católicos latinos**. E esta é mais uma das tantíssimas riquezas do infinito tesouro da Igreja que é Una, Santa, Católica e Apostólica!

O **Concílio Vaticano II** reconheceu que todos os **ritos** aprovados pelas Igrejas que formam a Igreja Católica têm a mesma dignidade e direito e devem ser preservados e promovidos.

Aliás, por falar em rito, outra confusão frequente é feita entre o rito latino e o rito romano: os termos costumam ser usados como sinônimos, mas, tecnicamente, além do rito romano, também existem outros ritos latinos de certas Igrejas locais, como o ambrosiano, e os de algumas ordens religiosas, além do rito tridentino. Mas eles não estão vinculados a Igrejas autônomas “*sui juris*”, sendo diferentes ritos dentro da

mesma tradição latina da Igreja Católica. Quanto aos ritos orientais, as diferenças são mais marcadas pela diversidade de tradições e há vínculos históricos entre os ritos e as Igrejas “*sui juris*” específicas que os adotam: são eles o alexandrino ou copta, o bizantino, o antioqueno ou siríaco ocidental, o caldeu ou siríaco oriental, o armênio e o maronita.

Mas quais são, afinal, as Igrejas “*sui juris*” que formam a Igreja Católica? Eis a impressionante lista:

DE RITO OCIDENTAL

Tradição litúrgica latina ou romana:

1. Rito latino da Igreja Católica Apostólica Romana (sede em Roma)

DE RITOS ORIENTAIS

Tradição litúrgica alexandrina:

2. Igreja Católica Copta (patriarcado; sede no Cairo, Egito)
3. Igreja Católica Etíope (metropolitanato; sede em Adis Abeba, Etiópia)
4. Igreja Católica Eritreia (metropolitanato; sede em Asmara, Eritreia)

Tradição litúrgica bizantina:

5. Igreja Greco católica Melquita (patriarcado; sede em Damasco, Síria)
6. Igreja Católica Bizantina Grega (eparquia; sede em Atenas, Grécia)
7. Igreja Católica Bizantina Ítalo-Albanesa (eparquia; sede na Sicília, Itália)
8. Igreja Greco católica Ucrânica (arcebispado maior; sede em Kiev, Ucrânia)
9. Igreja Greco católica Bielorrussa (também chamada Católica Bizantina Bielorrussa)
10. Igreja Greco católica Russa (sede em Novosibirsk, Rússia)
11. Igreja Greco católica Búlgara (eparquia; sede em Sófia, Bulgária)
12. Igreja Católica Bizantina Eslovaca (metropolitanato; sede em Prešov, Eslováquia)

13. Igreja Greco católica Húngara (metropolitanato; sede em Nyíregyháza, Hungria)
14. Igreja Católica Bizantina da Croácia e Sérvia (eparquia; sedes em Križevci, Croácia, e Ruski Krstur, Sérvia)
15. Igreja Greco católica Romena (arcebispado maior; sede em Blaj, Romênia)
16. Igreja Católica Bizantina Rutena (metropolitanato; sede em Pittsburgh, Estados Unidos)
17. Igreja Católica Bizantina Albanesa (eparquia; sede em Fier, Albânia)
18. Igreja Greco católica Macedônica (exarcado ou exarquia; sede em Escófia, Macedônia)

Tradição litúrgica armênia:

19. Igreja Católica Armênia (patriarcado; sede em Beirute, Líbano)

Tradição litúrgica maronita:

20. Igreja Maronita (patriarcado; sede em Bkerke, Líbano)

Tradição litúrgica antioquena ou siríaca ocidental:

21. Igreja Católica Siríaca (patriarcado; sede em Beirute, Líbano)
22. Igreja Católica Siro-Malancar (arcebispado maior; sede em Trivandrum, Índia)

Tradição litúrgica caldeia ou siríaca oriental:

23. Igreja Católica Caldeia (patriarcado; sede em Bagdá, Iraque)

Igreja Católica Siro-Malabar (arcebispado maior; sede em Cochim, Índia)

MÓDULO III - NÚCLEO ECLESIAL – LITÚRGICO

MARIA – DOGMAS MARIANOS

"Deus enviou Seu Filho" (Gl 4,4), mas, para "formar-lhe um corpo [a51]" quis a livre cooperação de uma criatura. Por isso, desde toda a eternidade, Deus escolheu, para ser a Mãe de Seu Filho, uma filha de Israel, uma jovem judia de Nazaré na Galiléia, "uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria" (Lc 1,26-27): Quis o Pai das misericórdias que a Encarnação fosse precedida pela aceitação daquela que era predestinada a ser Mãe de seu Filho, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, uma mulher também contribuísse para a vida.

Ao longo de toda a Antiga Aliança, a missão de Maria foi preparada pela missão de santas mulheres. No princípio está Eva: a despeito de sua desobediência, ela recebe a promessa de uma descendência que será vitoriosa sobre o Maligno e a de ser a mãe de todos os viventes. Em virtude dessa promessa, Sara concebe um filho, apesar de sua idade avançada. Contra toda expectativa humana, Deus escolheu o era tido como impotente e fraco para mostrar sua fidelidade à sua promessa: Ana, a mãe de Samuel, Débora, Rute, Judite e Ester, e muitas outras mulheres. Maria "sobressai entre (esses) humildes e pobres do Senhor, que dele esperam e recebem com confiança a Salvação. Com ela, Filha de Sião por excelência, depois de uma demorada espera da promessa, completam-se os tempos e se instaura a nova economia" (CIC §§ 488-89)

(Jo 19, 25-27) - Estavam em pé, junto à cruz de Jesus, sua mãe, e a irmã de sua mãe, e Maria, mulher de Cleófas, e Maria Madalena. Ora, Jesus, vendo ali sua mãe, e ao lado dela o discípulo a quem ele amava, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Então disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa.

Dogmas Marianos

São quatro os dogmas marianos:

Maternidade Divina,

Perpétua Virgindade

Imaculada Conceição

A MATERNIDADE DIVINA (THEOTOKOS)

A partir do século III começaram a surgir algumas heresias que negavam a divindade de Cristo, sob influência do gnosticismo. A Igreja se pronunciou dizendo primeiramente que Jesus era filho de Deus por natureza e não por adoção. (Concílio de Antioquia).

No Concílio de Niceia ano de 325, ainda combatendo as heresias tais como o arianismo, que professava que Cristo nasceu do nada e de outra substância, a Igreja professou que Jesus é consubstancial ao Pai. Também o herético Nestório, que via em Cristo uma pessoa humana, unida a pessoa divina, em que São Cirilo de Alexandria vai combater no terceiro Concílio de Éfeso em 431 afirmando, que “a humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde que foi concebida.” Por isso, o Concílio de Éfeso proclamou, em 431, “que Maria se tornou, com toda a verdade. Mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio: Mãe de Deus, não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo sagrado, dotado duma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne. (DS251)”

Outras heresias ainda foram levantadas sobre a divindade de Cristo e sua humanidade, como os monofisistas, que diziam que a humanidade de Jesus, foi suprimida por sua divindade, a que o Concílio de Calcedónia em 451, proclamou:

Na sequência dos santos Padres, ensinamos unanimemente que se confesse um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, igualmente perfeito na divindade e perfeito na humanidade, sendo o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto duma alma racional e dum corpo, consubstancial ao Pai pela sua divindade, consubstancial a nós pela sua humanidade, semelhante a nós em tudo, menos no pecado: gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nestes últimos dias, por nós e pela nossa salvação, nascido da Virgem Mãe de Deus segundo a humanidade.

Um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. A diferenciadas naturezas não é abolida pela sua união; antes, as propriedades de

cada uma são salvaguardadas e reunidas numa só pessoa e numa só hipóstase. (DS 301-302)

Ainda surgiram outras heresias, questionando, ora a divindade, ora a natureza, mas o que vemos a Igreja definindo que Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem e Maria mãe de Jesus, logo ela é Mãe de Deus.

Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me vem esta honra de vir a mim a mãe de meu Senhor? (Lc 1, 41-43)

Com efeito, Aquele que Ela concebeu como homem por obra do Espírito Santo, e que Se tornou verdadeiramente seu Filho segundo a carne, não é outro senão o Filho eterno do Pai, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é, verdadeiramente, *Mãe de Deus* (Theotokos) (DS 251)

MARIA SEMPRE VIRGEM

“Por isso, o próprio Senhor vos dará um sinal: uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamará Deus Conosco. (Is 7,14)

Maria perguntou ao anjo: Como se fará isso, pois não conheço homem? Respondeu-lhe o anjo: O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus. (Lc 1, 34-35)

Eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo. (Mt 1,20)

O aprofundamento da fé na maternidade virginal levou a Igreja a confessar a virgindade real e perpétua de Maria, mesmo no parto do Filho de Deus feito homem. Com efeito, o nascimento de Cristo não diminuiu, antes consagrou a integridade virginal da sua Mãe. (CIC §499)”

Em outubro de 649, o Concílio do Latrão chegou a esta definição de fé: “Seja condenado quem não professar, de acordo com os santos Padres, que Maria, mãe de Deus em sentido próprio e verdadeiro, permaneceu sempre santa, virgem e

imaculada quando, em sentido próprio e verdadeiro, concebeu do Espírito Santo, sem o concurso do sêmen de homem, e deu à luz Aquele que é gerado por Deus Pai antes de todos os séculos, o Verbo de Deus, permanecendo inviolada a sua virgindade também depois do parto”.

Na encíclica *Redemptoris Mater* de João Paulo II “Maria consente na escolha divina para se tornar, por obra do Espírito Santo, a Mãe do Filho de Deus. Pode – se dizer que este consentimento que ela dá à maternidade é fruto da doação total a Deus na virgindade. Maria aceitou a eleição para ser mãe do Filho de Deus, guiada pelo amor esponsal, o amor que consagra totalmente a Deus uma pessoa humana. Em virtude desse amor, Maria desejava estar sempre e em tudo ‘doada a Deus’, vivendo na virgindade. As palavras ‘Eis a serva do Senhor’ comprovam o fato de ela desde o princípio ter aceitado e entendido a própria maternidade como dom total de si, da sua pessoa, a serviço dos desígnios salvíficos do Altíssimo. E toda a participação materna na vida de Jesus Cristo, seu Filho, ela viveu-a até o fim de um modo correspondente à sua vocação para a virgindade.”

No mistério da obra de salvação da humanidade, quis Deus encarna se no seio de uma virgem, por obra do Espírito Santo, aquele que é Deus de Deus, Luz da Luz... e no seu nascimento sua mãe continua intacta quanto a sua virgindade e permanece virgem em sua vida, ou seja não tem relação conjugal com seu legítimo esposo José, e Jesus é o único filho da família de Nazaré. Mas a maternidade espiritual de Maria estende-se a todos os homens que Ele veio salvar: “Ela deu à luz um Filho que Deus estabeleceu como “primogênito de muitos irmãos” (*Rm* 8, 29), isto é, dos fiéis para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe. (LG 63) Os argumentos protestantes que se baseiam nas escrituras em relação aos “irmãos de Jesus”, são tão refutáveis, quanto ridículos no campo da exegese bíblica. Quanto à permanência da virgindade durante o parto, Deus é Luz e a luz é partícula, e consegue atravessar o vidro sem que o mesmo se quebre.

MARIA A IMACULADA CONCEIÇÃO

Entrando, o anjo disse-lhe: Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo. Perturbou-se ela com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação. O anjo disse-lhe: Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. (*Lc* 1,28-30)

Nesta saudação do anjo, que chama Maria de “cheia de graça” encontra-se a identidade de Maria, ela é filha de seu Filho. A saudação do anjo não foi Maria... mas cheia de graça. Ela pelos méritos de Cristo e para a aceitação livre de fé ao anúncio do anjo de sua vocação era preciso estar totalmente sob moção da graça de Deus.

Maria não é para Deus simplesmente uma função, mas antes de tudo uma pessoa, e é como pessoa que é tão cara a Deus desde toda a eternidade.

É o que confessa o dogma da Imaculada Conceição, proclamado em 1854 pelo Papa Pio IX:

Por uma graça e favor singular de Deus onipotente e em previsão dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, a bem-aventurada Virgem Maria foi preservada intacta de toda a mancha do pecado original no primeiro instante da sua concepção. (DS 670)

Maria foi redimida de uma forma mais sublime por seu Filho, ela é cheia de graça antes mesmo da Encarnação. A santidade de Maria tem também uma característica que a coloca acima de qualquer pessoa do Antigo e Novo Testamento. É uma graça incontaminada. A Igreja Latina a chama de “Imaculada” e a Igreja Oriental de “Toda Santa” (Panaghia).

Como diz Santo Ireneu, "obedecendo, Ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o gênero humano". Eis porque não poucos Padres afirmam, tal como ele, nas suas pregações, que "o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé"; e, por comparação com Eva, chamam Maria a "Mãe dos vivos" e afirmam muitas vezes: "a morte veio por Eva, a vida veio por Maria".

Nas aparições de Nossa Senhora em Lourdes à Santa Bernadete no ano de 1858, apenas quatro anos após o dogma de 1854, quando indagada pela menina de qual era seu nome, ela respondeu: - Eu sou a Imaculada Conceição!

MARIA ASSUNTA AO CÉU

A Assunção de Maria foi o último dogma a ser proclamado, por obra do papa Pio XII, a 1o de novembro de 1950. Na Constituição Apostólica “Munificentissimus Deus”, o Pontífice afirmou que, depois de terminar o curso terreno de sua vida, ela foi assunta de corpo e alma à glória celeste.

Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma e exaltada pelo Senhor como rainha, para assim se conformar mais plenamente com o seu Filho, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte. (DS 3903)

Esse privilégio brilhou com novo fulgor quando o nosso predecessor de imortal memória, Pio IX, definiu solenemente o dogma da Imaculada Conceição. De fato esses dois dogmas estão estreitamente conexos entre si. Cristo com a própria morte venceu a morte e o pecado, e todo aquele que pelo batismo de novo é gerado, sobrenaturalmente, pela graça, vence também o pecado e a morte. Porém Deus, por lei ordinária, só concederá aos justos o pleno efeito desta vitória sobre a morte, quando chegar o fim dos tempos. Por esse motivo, os corpos dos justos corrompem-se depois da morte, e só no último dia se juntarão com a própria alma gloriosa. Mas Deus quis excetuar dessa lei geral a bem-aventurada virgem Maria. Por um privilégio inteiramente singular ela venceu o pecado com a sua concepção imaculada; e por esse motivo não foi sujeita à lei de permanecer na corrupção do sepulcro, nem teve de esperar a redenção do corpo até ao fim dos tempos. Quando se definiu solenemente que a virgem Maria, Mãe de Deus, foi imune desde a sua concepção de toda a mancha, logo os corações dos fiéis conceberam uma mais viva esperança de que em breve o supremo magistério da Igreja definiria também o dogma da assunção corpórea da virgem Maria ao céu. (Munificentissimus Deus)

O profeta Elizeu antes de Elias ser arrebatado por uma carruagem de fogo pediu que uma porção redobrada do “espírito” de Elias recaia sobre ele conforme as escrituras.

Tendo passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me algo antes que eu seja arrebatado de ti:que posso eu fazer por ti? Eliseu respondeu: Seja-me concedida uma porção do brada do teu espírito. (2Rs 2,9)

Quanto mais nós à Virgem devemos pedir que o Espírito que a fez ser cheia de graça,nos faça a imitação de dela, cheios de Maria.

“Esteja em cada um de nós a alma de Maria para glorificar o Senhor, esteja em cada um de nós o espírito de Maria para exultar em Deus”. (Santo Ambrósio)

O maior fruto de amor a Maria é imitá-la, pois antes de um belo quadro ela é um belíssimo espelho.

MÓDULO IV - NÚCLEO LITÚRGICO - SACRAMENTAL

A LITURGIA

No símbolo da Fé, a Igreja confessa o mistério da Santíssima Trindade e seu “desígnio benevolente (Ef 1,9) sobre toda a criação: o Pai realiza o Mistério de sua vontade” entregando seu Filho bem- amado e seu Espírito para a salvação do mundo e para a glória de seu nome. Este é o mistério de Cristo, revelado e realizado na história segundo um plano, uma “disposição” sabiamente ordenada que S. Paulo denomina “a realização do mistério” (Ef 3,9) e que a tradição patrística chamará de “Economia do Verbo Encarnado” ou” a Economia da Salvação”

Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, da qual forma prelúdio as maravilhas divinas, operada no povo do Antigo Testamento, completou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal de sua bem-aventurada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão. Por este mistério, Cristo, 'morrendo, destruiu nossa morte, e ressuscitando, recuperou nossa vida'. Pois do lado de Cristo adormecido na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja. Esta é a razão pela qual, na liturgia, a Igreja celebra principalmente o mistério pascal pelo qual Cristo realizou a obra de salvação.

“Com efeito, a liturgia, pela qual, principalmente no divino sacrifício da Eucaristia, “se exerce a obra de nossa redenção”, contribui do modo mais excelente para que os fiéis, em sua vida, expressem e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja”

A palavra “Liturgia” significa originalmente “obra pública” “serviço da parte do povo e em favor do povo”. Na tradição cristã, ela quer significar que o povo de Deus toma parte na “obra de Deus”. Pela liturgia, Cristo, nosso redentor e sumo sacerdote, continua em sua Igreja, com ela e por ela, a obra de nossa redenção.

A palavra “Liturgia” no Novo Testamento é empregada para designar não somente a celebração do culto divino, mas também o anúncio do Evangelho e a caridade em alto. Em todas essas situações, trata-se do serviço de Deus e dos homens. Na celebração litúrgica, a Igreja é servida à imagem do seu Senhor, o único “liturgo”, participando de seu sacerdócio (culto) profético (anúncio) e régio (serviço da caridade).

Além de ser obra de Cristo, a liturgia é também uma ação de sua Igreja. Ela realiza e manifesta a Igreja como sinal visível da comunhão entre Deus e os homens por meio de Cristo. Empenha os fiéis na vida nova da comunidade. Implica uma participação “consciente, ativa e frutuosa” de todos.

“A liturgia não esgota toda a ação da Igreja”: ela tem de ser precedida pela evangelização, pela fé e pela conversão; pode então produzir frutos na vida dos fiéis; a vida nova segundo o Espírito, o compromisso com a missão da Igreja e o serviço de sua unidade. A liturgia é também a participação da oração em Cristo, dirigida ao Pai no Espírito Santo. Nela, toda a oração cristã encontra sua fonte e seu termo. Pela liturgia, o homem interior é enraizado e fundado no “grande amor como o qual o Pai nos amou” (Ef 2,4) em seu Filho bem-amado. É a mesma “maravilha de Deus” que é vivida e interiorizada por toda a oração, “em tempo de Espírito.

Na liturgia, Pai é bendito e adorado como a fonte de todas as bênçãos da criação e da salvação, com as quais nos abençoou em seu Filho, para dar-nos o Espírito de adoção filial. A obra de Cristo na liturgia é sacramental porque seu mistério de salvação se torna presente nela mediante o poder de seu Espírito Santo; porque seu

corpo, que é a Igreja, é como que o sacramento (sinale instrumento) no qual o Espírito Santo dispensa o mistério da salvação; porque por meio de suas ações litúrgicas a Igreja peregrina já participa, por antecipação, da liturgia celeste.

A missão do Espírito Santo na liturgia da Igreja é preparar a assembleia para encontra-se com Cristo; recordar e manifestar Cristo à fé da assembleia. Tornar presente e atualizar a obra salvífica de Cristo por seu poder transformador e fazer frutificar o dom da comunhão na Igreja. A Missa é uma reunião da grande família de Deus, que agradece e louva ao Senhor, pede perdão por seus pecados e se alimenta com o corpo de Jesus, que nos revigora e dá forças ao Espírito para levarmos avante nossa missão de católicos.

Tamanha é a importância da liturgia que podemos dizer que se trata da mais perfeita obra de Deus para seus filhos por intermédio do Espírito Santo. Pois dentro dela realizamos tudo aquilo que o Senhor nos ordenou. Dentro de suas partes divididas, a Missa, não pode ser comparada ao culto, que se realiza em outras igrejas, não desprezando o rito dela, mas o rito realizado em nossa Igreja nos leva a uma perfeita comunhão se seguido conforme orientado.

A Missa é dividida em algumas partes, cada uma com sua devida importância:

Ritos iniciais

- **Canto de entrada:** o canto de entrada tem o objetivo de nos ajudar a rezar. Ele manifesta a Deus nosso louvor e adoração.
- **Saudação:** o padre saúda a comunidade reunida anunciando a presença de Jesus.
- **Ato penitencial:** em uma atitude de profunda humildade, pedimos perdão de nossos pecados.
- **Glória:** já perdoados, cantamos para louvar e agradecer.
- **Coleta:** o padre coloca todas as intenções, e no final da oração responde com a palavra Amém (que quer dizer “assim seja”)

Liturgia da Palavra

- **Primeira leitura:** passagem tirada do Antigo Testamento (parte que prepara a vida

do Messias)

- **Salmo de resposta:** é um canto ou um salmo que nos ajuda a entender melhor a mensagem da primeira leitura.
- **Segunda leitura:** passagem tirada do Novo Testamento, de uma das cartas dos Apóstolos.
- **Aclamação do Evangelho:** nessa hora, ouvimos o padre anunciar a Mensagem de Jesus, por isso se canta o Aleluia.
- **Evangelho:** Jesus nos fala apresentando-nos o Reino de Deus.
- **Homilia:** o padre explica as leituras e sua relação com o Evangelho.
- **Profissão de Fé (Credo):** momento em que professamos tudo àquilo que como cristãos devemos acreditar.
- **Oração dos fiéis:** a comunidade reunida pela Igreja e por todas as pessoas do mundo.

Liturgia Eucarística

- **Preparação para as oferendas:** momento em que oferecemos a nossa vida, ou seja, tudo o que somos ao Senhor. Logo depois ocorre a oração sobre as oferendas, que por intermédio do sacerdote, Jesus consagra o Pão e o Vinho.
- **Oração Eucarística:** momento principal da Missa, onde recordamos a morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. Não é apenas uma lembrança de um fato que aconteceu, mas sim algo que acontece hoje, aqui, agora na Eucaristia.
- **Comunhão:** momento em que vamos em direção do banquete do Senhor receber o seu corpo e o seu Sangue.

Ritos Finais

- **Avisos:** o padre ou algum leigo da comunidade anuncia algum evento ou informa algo de interesse à comunidade.
- **Bênção:** o padre dá a bênção à comunidade. Bênção significa o bem que alguém quer para outra pessoa.
- **Despedida:** o padre se despede da comunidade recorda que este momento não é

mera despedida apressada, mas um novo envio para realizar a missão do cristão no mundo, isto é, anunciar ao mundo co Cristo Vivo.

CATEQUESE E LITURGIA

“A liturgia é o ápice para o qual tende a ação da Igreja, e ao mesmo tempo é a fonte donde emana toda a sua força.” Ela é, portanto, o lugar privilegiado da catequese do povo de Deus. “A catequese está intrinsecamente ligada a toda ação litúrgica e sacramental, pois é nos sacramentos, e sobretudo na Eucaristia, que Cristo Jesus age em plenitude para a transformação dos homens.”

A catequese litúrgica tem em vista introduzir no mistério de Cristo (ela é “mistagogia”), procedendo do visível para o invisível, do significante para o significado, dos “sacramentos” para os “mistérios”. Tal catequese é da competência dos catecismos locais e regionais. O presente Catecismo, que pretende servir para a Igreja inteira, na diversidade de seus ritos e de suas culturas, apresentará o que é fundamental e comum a toda a Igreja no tocante à liturgia como mistério e como celebração, e em seguida os sete sacramentos e os sacramentais. (CIC§1076-77).

*A palavra ‘Mistagogia’ é de origem grega e composta de duas partes: ‘mist’ + ‘agogia’. ‘Mist’ vem de ‘mistério’ e ‘agogia’ significa ‘conduzir’, ‘guiar’. Podemos definir a palavra como: a ação de guiar, conduzir para dentro do mistério.

AS CORES DO ANO LITÚRGICO

Como a liturgia é ação simbólica, também as cores nela exercem um papel de vital importância, respeitado a cultura de nosso povo, os costumes e a tradição. Assim, é conveniente que se dê aqui a cor dos tempos litúrgicos e das festas. A cor diz respeito aos paramentos do celebrante, à toalha do altar e do ambão e a outros símbolos litúrgicos da celebração. Pode-se, pois, assim descrevê-la:

As cores litúrgicas estão presentes na maioria dos paramentos e em algumas das alfaias para simbolizar a diversidade dos mistérios celebrados ao longo do Ano Litúrgico:

“As diferentes cores das vestes sagradas visam a manifestar externamente o caráter dos mistérios celebrados e também a consciência de uma vida cristã que progride com o desenrolar do ano litúrgico”

Atualmente só permitem-se mudanças nas cores litúrgicas nos casos em que uma determinada cor não possui significado para um determinado povo. Porém, uma mudança só pode ser feita se autorizado pela Santa Sé:

“No que se refere às cores litúrgicas, as conferências dos bispos podem determinar e propor à Sé Apostólica adaptações que correspondam às necessidades e ao caráter de cada povo” (IGMR, n. 346).

Cumprir notar que as cores litúrgicas só podem ser empregadas onde são prescritas: nos paramentos e em algumas alfaias. Não se utilize as cores litúrgicas nas toalhas do altar, nas velas, em vestes usadas por ministros leigos, entre outros. Da mesma forma, não se usem paramentos de várias cores, cuja cor própria não seja claramente identificada.

Cor roxa – O roxo é uma cor mista: une quantidades iguais de vermelho e azul. Se o vermelho indica nossa humanidade (cor do sangue) e o azul recorda a divindade (cor do céu), o roxo surge como a cor do equilíbrio entre divino e humano. Por isso esta cor é ligada à penitência, pois chama à conversão, buscando transformar nossa fragilidade humana assumindo os gestos de santidade de Cristo.

Usa-se: No Advento, na Quaresma, na Semana Santa (até Quinta-Feira Santa de manhã), e na celebração de Finados, como também nas exéquias.

Cor branca – Síntese de todas as cores, o branco recorda primeiramente a luz divina. Eis porque Cristo, em sua Transfiguração, aparece em vestes brancas

Usa-se: Na solenidade do Natal, no Tempo do Natal, na Quinta-Feira Santa, na Vigília Pascal do Sábado Santo, nas festas do Senhor e na celebração dos santos. Também no Tempo Pascal é predominante a cor branca.

Cor vermelha – A cor vermelha é, antes de tudo, símbolo da vida, pois é a cor do sangue. Por isso, está associada ao sacrifício de Cristo e de todos aqueles que morrem pela fé, é também a cor do Espírito Santo.

Usa-se: No Domingo da Paixão e de Ramos, na Sexta-Feira da Paixão, no Domingo de Pentecostes e na celebração dos mártires, apóstolos e evangelistas.

Cor rosa – O simbolismo da cor rosa é análogo à cor roxa, da qual deriva: o convite à penitência e à conversão. Porém, o rosa une o roxo ao branco, recordando que o tempo de penitência está perto do fim e um novo tempo se aproxima: o tempo da festa e da alegria.

Pode-se usar: No terceiro Domingo do Advento (chamado "Gaudete") e no quarto Domingo da Quaresma chamado "Laetare"). Esses dois domingos são classificados, na liturgia, de "domingos da alegria", por causa do tom jubiloso de seus textos.

Cor preta - Enquanto ausência de cor, o preto recorda imediatamente o vazio e a morte. Eis porque é a cor tradicionalmente usada para indicar luto, tristeza pela morte de alguém querido. Pode-se usar na celebração de Finados (pode-se usar o Roxo em seu lugar).

Cor verde – O verde simboliza a criação, pois é a cor das plantas em seu vigor. Recorda a ação de Deus em favor do homem: “em verdes prados me faz repousar”.

Usa-se: Em todo o Tempo Comum, exceto nas festas do Senhor nele celebradas, quando a cor litúrgica é o branco.

Cor azul – (não oficial) - O azul é a cor do céu, simbolizando por isso as realidades divinas e a santidade. Tradicionalmente é associada à Virgem Maria, Rainha do céu.

Usa-se: Em festas Marianas.

MÓDULO V - NÚCLEO LITÚRGICO - SACRAMENTAL

OS SACRAMENTOS

OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO

Os sacramentos da nova lei foram instituídos por Cristo e são sete, a saber: o Batismo, a Confirmação, a Eucaristia, a Penitência, a Unção dos Enfermos, a Ordem e o Matrimônio. Os sete sacramentos atingem todas as etapas e todos os momentos importantes da vida do cristão: dão à vida de fé do cristão origem e crescimento, cura e missão. Nisto existe certa semelhança entre as etapas da vida natural e as da vida espiritual. (CIC §1210).

Pelos sacramentos da iniciação cristã; Batismo, Confirmação e Eucaristia são lançados os fundamentos de toda vida cristã. “A participação na natureza divina, que os homens recebem como dom mediante a graça de Cristo, apresenta certa analogia com a origem, o desenvolvimento e a sustentação da vida natural. Os fiéis, de fato, renascidos no Batismo, são fortalecidos pelo sacramento da Confirmação e, depois, nutridos com o alimento da vida eterna na Eucaristia. Assim, por efeito destes sacramentos da iniciação cristã, estão em condições de saborear cada vez mais os tesouros da vida divina e de progredir até alcançar a perfeição da caridade.” (CIC § 1212)

OS SACRAMENTOS AO SERVIÇO DA COMUNHÃO (SERVIDÃO)

O Batismo, a Confirmação e a Eucaristia são os sacramentos da iniciação cristã. São o fundamento da vocação comum de todos os discípulos de Cristo – vocação à santidade e à missão de evangelizar o mundo. E conferem as graças necessárias para a vida segundo o Espírito, nesta existência de peregrinos em marcha para a Pátria.

Dois outros sacramentos, a Ordem e o Matrimônio, são ordenados para a salvação de outrem. Se contribuem também para a salvação pessoal, é através do serviço aos outros que o fazem. Conferem uma missão particular na Igreja, e servem a edificação do povo de Deus.

Nestes sacramentos, aqueles que já foram *consagrados* pelo Batismo e pela Confirmação (1) para o sacerdócio comum de todos os fiéis, podem receber *consagrações* particulares. Os que recebem o sacramento da Ordem são *consagrados* para serem, em nome de Cristo, “com a palavra e a graça de Deus, os pastores da igreja” (2). Por seu lado, “os esposos cristãos são fortalecidos

e como que *consagrados* por meio de um sacramento especial em ordem ao digno cumprimento dos deveres do seu estado” (3). (CIC § 1533 – 1535)

OS SACRAMENTOS DE CURA (PLENITUDE)

Pelos sacramentos da iniciação cristã, o homem recebe a vida nova de Cristo. Ora, esta vida, nós trazemo-la “em vasos de barro”. Por enquanto, ela está ainda “oculta com Cristo em Deus” (Cl 3, 3). Vivemos ainda na “nossa morada terrena” (1), sujeita ao sofrimento à doença e à morte. A vida nova de filhos de Deus pode ser enfraquecida e até perdida pelo pecado.

O Senhor Jesus Cristo, médico das nossas almas e dos nossos corpos, que perdoou os pecados ao parálítico e lhe restituiu a saúde do corpo (2) quis que a sua Igreja continuasse, com a força do Espírito Santo, a sua obra de cura e de salvação, mesmo para com os seus próprios membros. É esta a finalidade dos dois sacramentos de cura: o sacramento da Penitência e o da Unção dos enfermos. (CIC § 1420-1421).

(VER MATERIAL PRÓPRIO PARA FORMAÇÃO SOBRE SACRAMENTOS)